

FEICRISTÃ

Edição 11, Ano 3, Nº 11, janeiro a maio de 2022

Revista **Digital**

Fran **Tobin**

Vinde

Uma série
fotográfica
sobre redenção



Bella
Falconi

Conversamos com a
autora de "E se não
houvesse amanhã?"

\\ Sumário

4. Editorial

2 anos de Revista Fé Cristã

5. Devocional

A figueira sem frutos

8. Apologética

A Bíblia ensina uma cosmologia ultrapassada?

12. Psicologia

A Pandemia e a revolução do espírito

18. Soteriologia

(Re)Definindo o pecado

26. Conversando com...

Bella Falconi

30. Missiologia

Como seria “um Paulo” em Atenas? A importância do preparo missionário

33. Política

A Queda do homem e o Estado Civil

41. Arte

VINDE: Uma série fotográfica sobre redenção



FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta
EDITOR-ADJUNTO: Wallas Pinheiro **IDENTIDADE VISUAL:** Gabriel Ferreira **CAPA:** Marcos Motta **DESIGN INTERNO:** Marcos Motta **REVISÃO:** Lorena Garrucho
CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO: Equipe de colaboradores **DIAGRAMAÇÃO:** Marcos Motta
PUBLICIDADE / DIVULGAÇÃO / PROPAGANDA: Equipe de colaboradores **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ, edição 11, ano 3, nº 11, janeiro-maio de 2022, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. **A REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

instagram.com/revistafecrista

2 anos de Revista Fé Cristã

Chegamos ao mês de Maio de 2022. Há 2 anos, nascia a Revista Fé Cristã. Naquela época, havia uma discussão na internet sobre a moralidade ou imoralidade de se compartilhar, de maneira não-autorizada, arquivos em formato PDF de livros pagos. Um grande número de pastores-escritores famosos estava no epicentro do combate à pirataria e, consequentemente, ao compartilhamento não-autorizado de suas obras. As redes sociais ferviam.

Tivemos, então, a ideia de criarmos uma publicação de qualidade, que abordasse os principais assuntos teológicos de maneira séria e inteligente - e que fosse gratuita. Ah, e o principal: que pudesse ser compartilhada em formato PDF por qualquer pessoa, sem custos. Surgiu a revista.

Interessante notar que, do time inicial, apenas este que vos escreve permaneceu no projeto. Na medida em que certas reformulações foram

sendo aplicadas, alguns irmãos deixaram o projeto, enquanto muitos outros ingressaram.

Deus foi bondoso conosco.

Hoje, centenas de pessoas compartilham os arquivos da Revista, e outras milhares acessam nossa plataforma anualmente. À título de curiosidade, vale testificar que, nos dois anos que se passaram, o site revistafecrista.com foi acessado mais de sete mil vezes, por pessoas de aproximadamente 15 países.

E, assim, chegamos aqui, e é com grande alegria que disponibilizamos para você a edição de número 12 da Revista Fé Cristã. Ainda buscando melhorias nos processos, tentando identificar qual é a periodicidade adequada para as publicações no site e no formato PDF, mas firmes e fortes pela Graça de Deus e para a Glória do Seu Nome. Como disse Paulo, “antes, trabalhei mais do que todos eles; contudo, não eu, mas a graça de

Deus comigo.” (1 Coríntios 15:10).

Esta edição

A presente edição, como já é de costume, está recheada com artigos abençoadíssimos, nos quais tratamos de diversos temas em assuntos como psicologia, política, apologética, filosofia, missões e arte - e não podemos deixar de falar da entrevista confrontadora concedida a nós por uma das cristãs mais influentes da internet no momento: Bella Falconi.

Pontuamos, também, que três artigos desta edição foram assinados por colaboradores estreantes. Os irmãos Fabrício Lovato, Natan Soares e Marcelo Carvalho enviaram seus primeiros artigos e nós tivemos o privilégio de publicá-los. Por fim, pedimos suas orações. Ore por nós.



MARCOS MOTTA
Editor-chefe

A figueira sem frutos



Natan Soares tem 23 anos, mora em São Paulo - SP e congrega na Igreja Metodista Wesleyana, onde é músico. “Gosto de estudar teologia, mas ainda não sou seminarista”.

“No dia seguinte, quando saíram de Betânia, teve fome. E, vindo de longe uma figueira com folhas, foi ver se nela, porventura, acharia alguma coisa. Aproximando-se dela, nada achou, senão folhas; porque não era tempo de figos. Então, lhe disse Jesus: Nunca jamais coma alguém fruto de ti! E seus discípulos ouviram isto.” (Marcos 11:12-14)

Como homem, nosso Senhor teve necessidades básicas. Como nós, Ele precisava comer, beber e dormir — repor as energias. Faminto, certa vez, foi procurar em uma figueira algum fruto a fim de saciar-se.

Ninguém contava histórias como Jesus. Suas palavras

traziam imagens às mentes dos ouvintes. Nesta ocasião, ele lhes trouxe uma espécie de parábola encenada. Eles a viram com os próprios olhos, não imaginaram. Ali o Senhor demonstrou sua ira contra os hipócritas que têm aparência de piedade, mas escondem um coração perverso.

De longe, Ele podia perceber qual tipo de árvore estava diante de Si. Todavia, se aproximou a fim de saber se ela era digna de ser assim chamada.

Pior do que enganar a homens é ter a audácia de cogitar enganar um Deus que tudo vê.

Ele nos vê de perto

Ele vê as coisas no nível mais profundo.

“O SENHOR olha dos céus; vê todos os filhos dos homens.”
(Salmos 33:13)

Com nossos olhos limitados, vemos os homens apenas como “árvores”, mas o Grande Juiz esquadrinha corações e busca frutos. Muitas vezes, acreditamos estar diante de um crente verdadeiro apenas por termos visto “folhinhas” de cristianismo, mas de perto não se pode achar nenhum fruto — são secos e inúteis — não há nada que se possa aproveitar. Aproveitam-se do solo do Evangelho para crescer, tornando-se belos e chamativos. Recebem a honra e o louvor dos homens, usurpando a glória que não pertence a eles.

Muitas árvores podem produzir folhas, mas somente uma figueira pode produzir figos. Era isso que Jesus buscava: frutos dignos. Mas eles não existiam. Muitos podem produzir moralidade, mas somente nos que nasceram de novo se pode encontrar o fruto do Espírito.

Indesculpáveis

Um trecho da canção *Asleep in the night*, de Keith Green, diz:

Como pode estar tão morto / Sendo tão bem alimentado?

A Palavra de Deus é um alimento que produz vida naqueles que dela provam. Há uma promessa no Salmo 1, que nos diz que aquele que medita nela “...será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto no seu tempo; as suas folhas não cairão”. Sendo assim, alguém que busca a Palavra de Deus se torna notório, já que produz tanto fruto, como folhas. Um cristão genuíno é algo belo de se ver.

Nos hipócritas, a Palavra não surte efeito, não produz nenhum fruto. Neles, a Palavra só gera recursos suficientes para enganar os homens, assim como aquela figueira. Há neles apenas grandes “folhas de moralidade”, as quais também os fazem notórios, e nada mais.

Tiveram tempo para produzir folhas, mas não frutos?

“Se fôsseis cegos, não teríeis pecado algum; mas, porque agora dizeis: Nós vemos, subsiste o vosso pecado.” (João 9:41)

A palavra os tornou apenas “grandes árvores”, mas não os limpou. Estão sujos por dentro, se preocupando apenas

com o exterior. Não temem aquele que vê o interior e sabe que são hipócritas!

As verdades contidas na Bíblia não os torna semelhante a Jesus.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia! Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.” (Mateus 23:27-28)

O solo do Evangelho lhes traz apenas benefícios, os sustenta, mas neles não há transformação, apenas leves mudanças externas. O Reino não recebe nenhum benefício que tenha vindo deles.

A perversidade desses homens é gigante. Como Judas, veem na adoração fervorosa de pessoas como Maria o quão lucrativo o Evangelho pode ser. Percebem que este Jesus atrai pessoas com grandes ofertas.

“Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres? Isto disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava.” (João 12:5-6)

Ao olhar para a realidade do nosso país, os maiores nomes que representam o Evangelho, me envergonho muito, e temo. Somos, os evangélicos, cerca de 30% da população. Esse número não é causado por orações fervorosas como as de Paulo.

“... sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós.” (Gálatas 4:19)

Antes, é resultado de meios carnis usados para atrair homens carnis — que vêm a Cristo, mas não negam a si mesmos, não abandonam o pecado.

“Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu.” (1 João 3:6)

Se, dos nossos grandes movimentos, não saem homens nascidos de novo, não estamos gerando nada, apenas inchando. Este é o motivo de termos um número tão alto de adeptos e tão poucos efeitos sobre a nação.

“... ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.” (Mateus 5:13)

Temo e tremo ao pensar Naquele que passeia pelos candeeiros. Que, com olhos de fogo, contempla tudo e todos. Ele vê o que estão fazendo de

mal em Seu nome. O quanto Sua noiva tem sido afligida. Temo quando a mão do Senhor nos apalpar procurando algo que lhe agrade. Acaso encontrará Ele o Evangelho nas igrejas que se dizem evangélicas? Ou apenas folhas?

Quanto aos discípulos verdadeiros, ficarão espantados ao ver como esses

homens e falsos movimentos que levam o nome do nosso Deus em vão secarão, pois o Senhor os amaldiçoou.

“Então, Pedro, lembrando-se, falou: Mestre, eis que a figueira que amaldiçoaste secou.”
(Marcos 11:21)

Não haverá mais tempo para tentar produzir nada. O Senhor virá a eles num dia em

que o não esperam, e à hora em que eles não sabem. O que lhes resta é aguardar a ira vindoura. O machado já está posto à raiz.

“Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?” (Mateus 23:33)

A Bíblia ensina uma cosmologia ultrapassada?



Fabricio Luís Lovato é Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas, Bacharel em Teologia, Pós-Graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada, Mestre em Bioquímica e Doutor em Educação em Ciências. Atualmente é professor no Instituto Federal Sul-rio-grandense, em Pelotas - RS.

A Cosmologia ensinada pela Bíblia tem sido um tópico de discussão nos últimos tempos. Alguns afirmam que as Escrituras descrevem uma Terra plana (circular ou quadrada), imóvel, coberta por um domo sólido contendo aberturas (“janelas”, por onde cai a chuva) e pilares/columnas de sustentação, conforme outros povos do antigo Oriente Próximo criam. Aqueles que propagam esse tipo de informação o fazem em busca de um apoio especial para crenças terraplanistas/geocentristas ou, então, porque desejam afirmar que a Bíblia emprega concepções ultrapassadas sobre a estrutura cósmica, à luz da Ciência moderna.

Muitos dos textos bíblicos utilizados para apontar essas ideias são derivados dos livros de Jó e Salmos, obras que fazem parte da seção de escritos conhecidos como “livros poéticos”, os quais empregam uma variedade de figuras de linguagem e simbolismos. Compreender mal o gênero literário de uma passagem pode levar a uma interpretação equivocada de seu ensinamento. A seguir, apresentarei uma breve discussão de alguns pontos e textos.

Terra plana como uma pizza?

Isaías 40:22, em algumas versões bíblicas, afirma que Deus está assentado sobre o “círculo da terra”. A palavra hebraica em questão é “*khûg*”. Ela estaria apontando para uma estrutura plana e circular,

semelhante a uma pizza? Primeiramente, apenas uma esfera sempre se parece com um círculo quando vista de cima. Em segundo lugar, diversas palavras indo-europeias parecem estar relacionadas com palavras semíticas, por uma origem comum ou por empréstimo no passado distante. Há palavras que são similares a “*khûg*” e se referem a um objeto esférico, como “*kugel*” (Alto-Alemão Médio), “*kula*” (Polonês), “*kugla*” (Servo-Croata) e “*gugā*” (sua raiz proto-indo-europeia). Em árabe (outra língua semítica), a palavra “*kura*” significa “bola” e é a palavra usada para traduzir *khûg* na Bíblia Árabe Van Dyck-Boustani.¹

Eruditos medievais entenderam o uso de “*khûg*” como se referindo à esfericidade da Terra. No século XVI, Santes Pagnino a

¹ STATHAM, Dominic. *Isaiah 40:22 and the shape of the Earth*.

Disponível em: <https://creation.com/isaiah-40-22->

circle-sphere>. Acesso em: 23 jan. 2022.

traduziu como “*sphaera*” e Benedictus Arias Montanus e François Vatable, como “*globus*”. No século XVII, Giovanni Diodati usou “*globus*”. No século XVIII, o hebraísta holandês Campeius Vitringa usou “*orbis*”.²

Em outra proposta de interpretação, James P. Holding mantém que a palavra “*khûg*” “*é mais bem compreendida como relacionada ao conceito de um circuito*”. Assim, “*Isaías se refere à terra como um todo, indicando o circuito da costa de um ponto a outro*”, sem se comprometer com uma forma ou estrutura específica.³

Um ponto importante é que a esfericidade da Terra era um consenso na Igreja medieval (já no segundo século, o Pai da Igreja Atenágoras de Atenas referiu-se ao planeta como uma “*esfera*”). O conceito de que os cristãos da suposta “Idade das Trevas” criam em uma Terra plana é um mito moderno iluminista do século XIX, conforme apontado por historiadores como Jeffrey Burton Russell e Christine Garwood. [3]

Terra quadrada?

O Apocalipse menciona os “*quatro cantos da terra*” (7:1),

mas o texto aponta para os quatro pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste), como também ocorre em Isaías 11:12. Que Deus ajuntará o povo judeu “*desde os quatro cantos da terra*” equivale a dizer que Ele “*reunirá os refugiados de Judá e de Israel, que estão espalhados por toda a terra*” (CEV Bible). A descoberta de uma tabuinha mesopotâmica também demonstrou que a expressão “*quatro cantos*” se refere às quatro direções cardeais.⁴

Outros textos que mencionam “*cantos*” ou “*confins*” da terra não se referem ao planeta Terra, mas a um território geográfico específico, como a Palestina (por exemplo, Salmo 72:8 e Ezequiel 7:2).

Domo sólido sobre a Terra?

Alguns pensam que a Bíblia ensina (e os hebreus assim criam) que uma espécie de cúpula metálica transparente (algo como uma “*tigela virada*”), na qual o Sol, a Lua e as estrelas estavam fixadas, estava ancorada sobre uma Terra plana, uma visão cosmológica compartilhada com outros povos do antigo Oriente. Esse domo também serviria como o suporte de uma espécie de “*oceano celestial*”,

chamado de as “*águas acima do firmamento*” na Bíblia.

Voltaire, no século XVIII, foi um dos primeiros autores a sugerir que os povos antigos, incluindo os israelitas, acreditavam em uma cúpula ou céu abobadado que repousava sobre uma Terra plana. O mito foi popularizado por teólogos de linha liberal, por volta da metade do século XIX (por exemplo, John Pye-Smith, em 1839). Mas, como apontado por Randall W. Younker e Richardson M. Davidson, em sua análise de fontes primárias e secundárias [3], não há evidência de que tenha havido uma visão desse tipo entre os mesopotâmios, judeus e gregos antigos.

Grande parte do apoio à essa ideia vem da palavra “*firmamento*” (algo “*firme*”, sólido; Gênesis 1:6) como uma referência ao céu, a partir da palavra latina “*fīrmamentum*”, utilizada na tradução da Bíblia Vulgata latina de Jerônimo (século IV). Mas, a melhor tradução da palavra hebraica (“*raqia*”) é “*expansão*”. O comentarista Metodista Adam Clarke afirmou que a tradução “*firmamento*” “*privou esta passagem de todo o sentido e significado*”.⁵

² HOLDING, James P. *Holding. The Legendary Flat-Earth Bible*. Christian Research Journal, v. 36, n. 3, p. 1-5 [4], 2015.

³ YOUNKER, Randall W. & DAVIDSON, Richard M. *The Myth of*

The Solid Heavenly Dome: Another Look at the Hebrew Raqia. Andrews University Seminary Studies (AUSS), v. 49, n. 1, p. 125-147 [134], 2011.

⁴ WAAL, Kayle B. de. *Does the Bible Teach that the Earth is Flat?* Biblical

Research Institute, Newsletter “Reflections”, p. 1-7 [3], out. 2019.

⁵ Citado em YOUNKER & DAVIDSON, 2011, p. 134.

Kenneth A. Mathews afirma que

*“Deus formou uma ‘expansão’ para criar um limite, dando estrutura para as águas superiores e inferiores (1:6-7). A ‘expansão’ é a atmosfera que distingue as águas superficiais da terra (ou seja, ‘as águas debaixo’) das águas atmosféricas ou nuvens (ou seja, ‘as águas de cima’)”.*⁶

O astrônomo Hugh Ross afirma que “a ‘expansão’ em Gênesis 1:6-8 se refere à troposfera e as ‘águas de cima’ são vapor d’água”.⁷ Conforme Gênesis 1:20, a “expansão” é também o local onde as aves voam. De acordo com James Orr, a “abóbada dos céus em que as nuvens pairavam e através da qual o sol viajava tinha provavelmente para os hebreus associações não muito diferentes das que tem para a mente média de hoje”.⁸ O teólogo John H. Walton, embora pense que os hebreus mantivessem uma crença em um firmamento sólido, não mais defende que isso pode ser inferido do uso da palavra “*raqia*” em Gênesis.⁹

Janelas no céu?

Alguns argumentam que a Bíblia ensina a presença de

“janelas” ou “portas” literais no “firmamento”, das quais viria a chuva. Contudo, em nenhum lugar da Bíblia “janelas” ou “portas” aparecem relacionadas com a palavra “*raqia*”. No Salmo 78:23, “portas dos céus” forma um paralelismo sinônimo (característica da poesia hebraica, onde a segunda linha repete de outra forma o significado da primeira) com “nuvens”. Ou seja, “portas” e “janelas” são uma metáfora bíblica para “nuvens”. De acordo com os comentaristas C. F. Keil e F. Delitzsch, na “representação do Antigo Testamento, sempre que chove forte, as portas ou janelas do céu estão abertas”.¹⁰

James Orr também observa que a Bíblia deixa claro que a chuva vem das nuvens no ar, o que é simplesmente uma questão de observação comum (Juízes 5:4, 1 Reis 18:45).¹¹ Eliú apresenta uma descrição bastante precisa do ciclo hidrológico (Jó 36:27-28).

Geocentrismo?

A Bíblia não diz que a Terra é o centro físico do universo (ou do Sistema Solar), embora sejamos o centro espiritual da atenção e dos cuidados

amorosos de Deus (Salmo 8:3-9, João 3:16). Quando a Bíblia afirma que “o sol se deteve no meio do céu” (Josué 10:13), ela não fala nada mais do que nós falamos quando dizemos que “o sol nasceu” ou “o sol se pôs”, sem com isso querer fazer uma declaração científica/astronômica. É a chamada “linguagem fenomenológica”, quando falamos das coisas assim como elas parecem aos nossos sentidos.¹² O ponto-chave da declaração de Josué é que há um Deus que é superior aos deuses cananeus Baal e Astarote e que responde nossas orações de forma surpreendente (10:14). Nas palavras do Dr. R. Laird Harris, “o sistema solar pode ser geocêntrico, heliocêntrico ou qualquer outra coisa e não contradizer a Bíblia”.¹³

Colunas?

A afirmação de que “as colunas do céu tremem” (26:11), no poético livro de Jó, possivelmente aponta para montanhas elevadas. Em muitos textos bíblicos, a figura de montes e montanhas tremendo e se desfazendo é uma metáfora para o poder e a majestade de Deus.

⁶ Citado em YOUNKER & DAVIDSON, 2011, p. 142.

⁷ Citado em WAAL, 2019, p. 2.

⁸ HARRIS, R. Laird. *The Bible and Cosmology*. Bulletin of the Evangelical Theological Society, v. 5, n. 1, p. 11–17 [15], 1962.

⁹ No livro “*Four Views on the Historical Adam*” (Zondervan Academic, 2013), Walton afirma: “no passado, eu também cheguei à conclusão de que ‘*raqia*’ se referia a uma cúpula sólida, mas mais recentemente passei a acreditar de forma diferente”.

¹⁰ Citado em WAAL, 2019, p. 3.

¹¹ Citado em HARRIS, 1962, p. 15.

¹² GEISLER, Norman & HOWE, Thomas. *Manual de Dificuldades Bíblicas*. São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p. 22, 123.

¹³ HARRIS, 1962, p. 13.

Em outras passagens, referência às “*colunas da terra*” (como em 1 Samuel 2:8) pode dizer respeito aos nobres e autoridades políticas do povo, da mesma forma que Paulo declara que Tiago, Pedro e João eram “*colunas*” respeitadas na Igreja (Gálatas 2:9) e o livro de Apocalipse declara que os cristãos fiéis serão “*colunas*” no santuário de Deus (Apocalipse 3:12). O comentarista Batista John Gill já havia apontado isso no século XVIII.¹⁴

Além disso, embora povos antigos cressem que algo físico sustentasse a Terra (sejam pilares, tartarugas ou elefantes

gigantes), a própria Bíblia afirma que “*Deus faz pairar a Terra sobre o nada*” (Jó 26:7).

Conclusão

Citando R. Laird Harris mais uma vez, “*noções tolas de um universo de três andares, uma Terra quadrada e plana ou um universo geocêntrico não são bíblicas. E precisamos dizer isso o mais alto possível*”.¹⁵ A Bíblia na verdade faz afirmações cosmológicas que estão em sintonia com os nossos conhecimentos modernos: o tempo, a matéria e o espaço tiveram um começo (Gênesis 1:1, Hebreus 11:3); nem matéria nem energia estão

sendo continuamente criadas (Gênesis 2:2); o universo está se expandindo (Salmo 104:2, Isaías 42:5, 45:12, Zacarias 12:1) e também está se desgastando ou deteriorando, em conformidade com a segunda lei da Termodinâmica (Salmo 102:25-27, Isaías 51:6, Romanos 8:21).

Devemos estudar esse livro com bastante zelo, para não afirmarmos que ele ensina algo que, na verdade, não ensina! “*Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda, e sejas achado mentiroso.*” (Provérbios 30:6).

¹⁴ Citado em BATTEN, Don. ‘*Pillars of the Earth*’ — *Does the Bible teach a mythological cosmology?* Disponível

em: <[https://creation.com/pillars-of-the-earth-does-the-bible-teach-a-](https://creation.com/pillars-of-the-earth-does-the-bible-teach-a-mythological-cosmology)

[mythological-cosmology](https://creation.com/pillars-of-the-earth-does-the-bible-teach-a-mythological-cosmology)>. Acesso em: 23 jan. 2022.

¹⁵ HARRIS, 1962, p. 12.

A Pandemia e a revolução do espírito



Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil. Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela UNIVATES, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado - RS. Casado com Gabrielle.

Ainda está por fazer uma leitura dos termos de estirpe bélica que foram utilizados pelo *mainstream* ocidental para se referir à lida com a pandemia. Proliferaram por todos os lados sentenças como “luta contra”, “combate ao”, “guerra ao”, “batalha pelas”, “na linha de frente”... Valli (2021) e Agamben (2020) observaram a estrutura religiosa assumida pelos governos e pelas mídias, descendo ao nível da sociedade – Valli identificou uma famosa frase de Juliana de Norwich (1342-1416), mística cristã, pendurada nas janelas e varandas de muitas residências italianas (“Tudo ficará bem”). A combinação entre Guerra e Religião não é incomum e está sempre presente em dramas mais vastos, de impacto

generalizado, como ocorreu no tempo das Cruzadas, vindo após uma crise de cerca de quatrocentos anos com os maometanos.

Não há, de fato, nenhuma novidade na conexão entre Guerra e Fé. A verdade é que a Guerra pode ter nascido no contexto mesmo da Religião, sendo inicialmente vinculada ao rito e dramatizadora do mito – invariavelmente haverá uma narrativa a justificando. É isso que Campbell (2015) demonstra quando discorre a respeito de uma tribo aborígine dos confins insulares da Ásia, até muito recentemente observável: lá os homens da aldeia, sem uma variedade maior de inimigos e com muito tempo ocioso, costumavam se dividir em “times” e batalhar entre si até

que o primeiro caísse morto – aí os ânimos se acalmavam. Trata-se, no final das contas, de um rito sacrificial, da busca por uma vítima expiatória capaz de canalizar toda a fúria acumulada pelos atritos sociais e toda a energia retida pela ociosidade. Aqui vemos como a observação de Campbell se aproxima da Teoria Mimética, de Girard (2004): deve haver uma vítima capaz de absorver a violência social. Para Girard, a própria cultura humana nasceu de uma crise mimética culminada no sacrifício humano. A turba indiferenciada se polariza num conflito ao redor de um determinado objeto de desejo e tenderá à aniquilação mútua se não encontrar um terceiro, um bode expiatório que chame a atenção por ser diferenciado (alguma característica física,

uma origem distinta...) e, por isso, culpável pela crise. Quando morto, contudo, tenderá a ser divinizado como um herói fundador ou uma divindade, visto a sua morte trazer um apaziguamento quase milagroso e lançar os fundamentos da diferenciação social/cultural, baseada, portanto, na religião. Como meio de reprimir a vergonha geral ligada ao assassinio coletivo da divindade, a narrativa mítica desenvolvida a partir de então visará encobrir o assassinato, contando histórias sobre algum conflito cósmico e originário no qual a divindade fora abatida por algum titã ou algo similar, para renascer em sequência (a veneração da vítima expiatória teria culminado no primeiro sepultamento, acompanhado de oferendas em grãos, que germinaram, dando a impressão de um tipo de retorno vegetal do herói). Ao redor desses mitos, que falam de um caos indiferenciado a anteceder a ordem, se desenvolveram ritos, todos originados em atos sacrificiais diretos e depois variados em sacrifícios indiretos, cada vez mais simbólicos. A Guerra, vê-se, remonta à primeira crise, ao primeiro assassinato e aos primeiros mitos e ritos, de maneira que ela sempre estará imediatamente ligada à religião em sua face mais primitiva e selvagem.

É também Campbell (2015) que descreve a violência

gerada pelo espanto, sempre mobilizador de uma energia potencialmente caótica, caso não seja dirigida para outrem. O exemplo mais surpreendente disso está nos primatas superiores, em gorilas selvagens machos que foram vistos se agitando de maneira excessivamente agressiva ao som e à luz de raios e trovões. Isso não está longe do que descrevemos em Girard: um tipo de excitação violenta e contagiante, que ataca os corpos e depois as mentes e que está fora do domínio imagético, pois é ainda algo novo, pedirá por algum desvio propiciatório. Em geral, e isso é conclusão minha, os mitos originários nascem assim: um evento inédito, assombroso e para o qual não há aparato cognitivo prévio, sendo insuportável por sua própria natureza, pedirá por uma realização concreta, sempre de violência explosiva e irracional e, portanto, catártica, e é desse apaziguamento psicossomático, tomado por milagroso, que o ato será demarcado como fundador e ordenado imageticamente, sugerindo atualização ritual quando do retorno das mesmas ou similares tensões. Deve-se pensar, e o dr. Peter Lavine (1999) o faz, que certos conflitos são devidos a tensões acumuladas dentro de comunidades e nações, ou entre vizinhos, e que não puderam ser resolvidas de outras maneiras.

É Lavine, ainda, que exemplifica o caráter ritual da Guerra como tendo bases já nos animais. Há um mecanismo de sobrevivência da espécie que impede que animais do mesmo tipo se destruam desnecessariamente, de maneira que brigas por território ou por fêmeas são rigidamente ordenadas, havendo limites muito claros. Se o animal, por exemplo, mostrar a barriga, sua parte mais vulnerável, se deitar ou se afastar, significará que se rendeu e ele imediatamente será poupado. Há outros gestos de submissão e de obediência que organizam a violência cotidiana dentro de grupos de animais sociais ou nos encontros entre animais solitários. A Guerra, desde as suas bases mais profundas e arquetípicas, não é diferente do conflito entre dois homens (muitas vezes são dois irmãos, ou pai e filho), de maneira que temos uma luta entre dois da mesma espécie e, portanto, conduzida por certos instintos empáticos profundos. É por isso, talvez, que a turba girardiana sentiu tanta vergonha quando matou pela primeira vez, visto ter violado certos comandos morais muito viscerais – daí passou a ser necessário encobrir o crime ou transformar o bode expiatório nalgo diferente de um ser humano, seja um deus que morre e ressuscita, seja um dragão ou alguma besta demoníaca. O instinto assassino do homem se deve ao seu defeito instintivo, muito

fragilizado por sua capacidade racional, por sua memória e por sua imaginação. A morte de outro é validada quando ele é transformado pela nossa imaginação num servo do Diabo ou numa ameaça à Ordem. Mesmo nesse âmbito, o elemento religioso continua absorvendo todo o esquema, e ainda assim os instintos de autopreservação da espécie não deixam de atuar, pois a Guerra é de tal modo organizada, que impede o morticínio exagerado – daí aquela aldeia oriental se combater até cair o primeiro, daí aqueles famosos combates entre os campeões de cada exército, visando definir em duas pessoas o conflito de milhares.

Outra característica da Guerra Antiga, enquanto veículo do Sagrado, está em sua realização em terras ermas, distantes das cidades e dos povoados, justamente naqueles territórios vazios. Van Gennep (2013) identificou nas culturas antigas a existência de espaços neutros entre as fronteiras das cidades. Esses espaços eram considerados como fora da jurisdição espiritual da cidade e de seu templo e, portanto, ligados ao Caos: áreas selvagens de florestas, pântanos e montanhas, lugares inóspitos onde circulavam faunos, duendes e bruxas, e onde o Sagrado poderia se manifestar sem cerimônia, a partir de hierofanias de todo o tipo. Nessas áreas os proscritos

se escondiam, e também se encontravam mercados livres. Ali circulavam os estrangeiros, que saíam da Ordem, de suas cidades, para visitar outra, vagando pelos ermos durante a sua passagem – por isso o estrangeiro era visto com desconfiança, visto vir de Fora, de cidades estranhas, mas, sobretudo, das terras neutrais. Daí a pertinência de portais mágicos no limiar do território da cidade e de objetos sagrados nas encruzilhadas, e também de cercas e de muros, que Eliade (2010b) entende como originalmente pensados enquanto fortalezas contra o sobrenatural. Pois bem: era nessas áreas que os exércitos combatiam e ali representavam cada um a sua própria divindade titular, de maneira que a vitória de um sobre o outro indicava qual deus prevalecera. Finalizo esse tópico com Toynbee (1979), que resume-o por completo:

“Em todas as civilizações, até o presente momento, os sacrifícios humanos têm sido praticados sob a forma de guerras e, desde a invenção da aviação, as vítimas das operações militares não se restringem a soldados mortos em batalhas e à população civil das cidades assoladas pela tormenta da guerra.” (Toynbee, A Humanidade e a Mãe Terra, p. 171)

O magnífico historiador do Séc. XX, além de corroborar o estudo acerca das raízes religiosas da Guerra, sinaliza

uma mudança na natureza da Guerra dentro da Era Moderna. Rothbard (2012) percebeu a mesma mudança quando descreveu a transposição das batalhas entre exércitos do campo para dentro das cidades e contra populações civis. O abandono do terreno neutro onde aconteciam as batalhas pode ser entendido como resultado indireto da mentalidade industrial europeia que, conforme Josef Pieper, tomou os espaços vazios como objeto de repulsa, transformando-os, sejam territoriais, sejam temporais, em áreas “produtivas”. Isso, contudo, só foi viável após uma intensa secularização da Europa, devida ao Iluminismo e, conforme Oakeshott (2016), fartamente estimulada pelo Racionalismo, inimigo das tradições e dado a abstrações de toda a qualidade. É nesse ambiente racionalista que a Guerra, dessacralizada, é transformada num empreendimento lógico, baseado em ganhos e perdas materiais e de poder, e diante da qual as pessoas não passam de números – o nascedouro dessa índole está na Itália renascentista, conforme Burckhardt (2009). Mas, é claro, o que acontece nos gabinetes dos generais e dos políticos, todos estrategistas e empreendedores, não é o mesmo que acontecerá no calor sanguíneo da batalha. Ali, o soldado continuará sendo movido por todo o tipo de paixão. De fato, a própria

mudança tecnológica e espiritual favoreceu um regresso bárbaro, o retorno de uma mentalidade beligerante ancestral e altamente aniquilatória: a do caçador. O “cérebro predador”, gestado em trezentos mil anos de humanidade caçadora, é ativado, argumenta Eliade (2010a), sempre que há um contexto de disparidade de forças, incluindo o assalto. As hordas mongóis moviam-se sob esse espírito quando dilaceravam populações impotentes de aldeias pelo caminho. Os ocidentais, de mentalidade indo-europeia, sempre resistiram a transformar a batalha em selvageria: o guerreiro ocidental, seja grego, latino ou cristão, era sagrado – os guerreiros, dentre os quais o maior seria o rei, eram ungidos pelos sacerdotes. O cavaleiro cristão é um tipo de guerreiro sagrado, virtuoso, e não pode dar-se à predação, sobretudo porque limita seu conflito ao duelo contra outro cavaleiro ou ao combate contra outros guerreiros (FLORI, 2005). Mas o soldado moderno que invade uma cidade já não é mais sagrado: ele está diante de uma população inofensiva e inescapavelmente se tornará um predador, um caçador. É assim que se sente um homem de tocaia com um fuzil, que se sente o piloto de um caça ou a equipe que dirige um tanque.

Indo mais fundo na questão, é duma paganização selvagem

da Europa oriental que veremos, de maneira total, esse novo modo de fazer Guerra. Para Dawson (2018), o leste alemão foi cristianizado tardiamente e os deuses antigos não foram suficientemente exorcizados, vindo a encontrar ocasião de retorno quando as pressões circunstanciais foram excessivas, estimulando o despejo de uma onda de violência frenética e brutal por todo o Ocidente. O retorno pagão dos nazistas também foi notado por Bastide (2006), mas na figura daquilo que ele chamará de “sagrado selvagem”. Essa é a Guerra Total, uma inovação conhecida na Primeira Guerra Mundial e levada ao limite da insanidade na Segunda. Se o seu elemento religioso já não é mais o cristão, ele deverá ser outro, e será pagão, predador.

Num contexto de esfacelamento espiritual e cultural do Ocidente, numa era de confusão e de sede de absoluto, toda a qualidade de ideologias floresceu, cada uma sugerindo um diferente modo de interpretar e de conduzir a humanidade, cada uma absolutizando algum tipo de doutrina cristã ou trazendo à luz alguma forma oculta de gnosticismo ou paganismo. A mentalidade racionalista e ideológica se transformou numa imaginação de extremos, sempre oscilante entre totais, descrita de modo inflamado por Malcolm

Muggeridge, citado por Russell Kirk (2013):

“Eis os três cavaleiros do Apocalipse – progresso, felicidade, morte. Sob os seus auspícios, a busca pela riqueza total leva à miséria total; a procura pela paz total leva à guerra total; a educação total, ao analfabetismo total; o sexo total, à esterilidade total; a liberdade total, à servidão total; Procurando obter somente o acordo das minorias, encontramos um consenso baseado na consensocracia, ou na oligarquia da mentalidade liberal.” (p. 210-211)

É no contexto dos “totais” que conhecemos a Guerra Total, a Primeira e a Segunda. Antes da Guerra Total, o que tivemos foi a chamada Arte Total e o que aconteceu primeiro nesta, depois se desenrolou naquela. Essa é a tese de Modris Eksteins (2021). O nome de seu livro é também o nome de uma famosíssima ópera, A Sagração da Primavera, que estreou em Paris em maio de 1913, cerca de um ano antes da explosão da Grande Guerra. Enquanto Arte Total e origem do Modernismo na arte, foi uma obra subversiva e escandalosa, e nela se encenava um antigo ritual pagão de sacrifício de uma jovem moça à divindade, objetivando uma boa colheita na primavera, que fosse proveitosa à sua comunidade. Como demonstra Eksteins, o enredo da ópera foi seguido de perto pelos acontecimentos da Guerra, ajudando a

compreender o pano de fundo imaginal que estava pairando pela Europa, capaz de cristalizar-se no drama e também no campo de batalha. Há, como vimos em Girard, aspectos comuns entre o rito e a batalha, sendo esta produto daquele. Além disso, seguindo igualmente Eliade, devemos compreender que o teatro tem uma origem ritual.

Se olharmos atentamente, portanto, o sacrifício ritual da jovem na ópera não está longe do conflito mimético sacrificial da turba primitiva, ligado à guerra, de maneira que haveremos de pensar na própria Grande Guerra, ou na Guerra Total, como um banho de sangue sacrificial desejoso de fertilizar o solo ocidental para a emergência de uma nova era – e de fato foi o que aconteceu. Isso é sustentando indiretamente por Joseph Pearce (2017) quando descreve as mortes de muitos dos jovens europeus mais promissores, herdeiros da mentalidade antiga da Europa, e nos faz pensar sobre como essas mortes viabilizaram o soterramento do velho espírito e propiciaram o nascimento doutra coisa. A Guerra Total, o sacrifício humano massivo e o seu impacto generalizado, deram nascimento a uma nova época e a uma nova forma civilizacional. Tal como no primeiro sacrifício humano, o assombro de um evento jamais imaginado pela mente humana (a Guerra Total) pediu por renovação de mente e de

conduta sob novos moldes, capazes de suportar tal qualidade de experiência.

Dei toda essa volta para retornar à questão inicial: o vocabulário bélico e religioso empregado na propaganda da Pandemia. Talvez o que tenhamos presenciado tenha sido a primeira “guerra mundial” sem armas, mas com todos os outros elementos: o ímpeto beligerante, o fervor religioso e mortes aos milhões. O impacto na sociedade, em sua psicologia e em suas estruturas, foi incomparável, de modo que é inegável que uma nova forma civilizacional foi inaugurada e uma nova era teve início. Ainda que a origem de tudo não tenha sido intencional (partamos desse pressuposto), talvez a função pandêmica enquanto incitadora e canalizadora de paixões e de fervores que estavam se acumulando no seio da sociedade ocidental, sugerindo nefastas resoluções em termos de ânimos militares, tenha sido mesmo a de uma expiação massiva ao redor de vítimas incontáveis. Mas, veja bem: independentemente das explicações a respeito das causas, jamais na história humana tantas mortes não surtiram profundos e duradouros impactos transformativos, ainda mais quando tão diretamente associadas a sentimentos religiosos e combativos inequívocos.

NOTAS

AGAMBEN, G. *Reflexões sobre a peste*. São Paulo: Boitempo, 2020.

BASTIDE, R. *O Sagrado Selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CAMPBELL, J. *As Transformações do Mito Através do Tempo*. São Paulo: Cultrix, 2015.

DAWSON, C. *O Julgamento das Nações*. São Paulo: É Realizações, 2018.

EKSTEINS, M. *A Sagração da Primavera*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.

ELIADE, M. *História das Crenças e das Ideias Religiosas (Vol. I)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010a.

ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FLORI, J. *A Cavalaria*. São Paulo: Madras, 2005.

GIRARD, R. *O Bode Expiatório*. São Paulo: Paulus, 2004.

KIRK, R. *A Política da Prudência*. São Paulo: É Realizações, 2013.

LEVINE, P. *O Despertar do Tigre, Curando o trauma*. São Paulo: Summus, 1999.

PEARCE, J. *Convertidos Literários*. Curitiba: Danúbio, 2017.

ROTHBARD, M. *A Anatomia do Estado*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2012.

OAKESHOTT, M. *Conservadorismo*. Belo Horizonte: Âyné, 2016.

TOYNBEE, A. J. *A Humanidade e a Mãe-Terra*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

VALLI, A. M. *Vírus e Leviatã*. Curitiba: Danúbio, 2021.

VAN GENNEP, A. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

(Re)Definindo o pecado



Marcelo Carvalho é pastor presbiteriano e missionário entre indígenas da Amazônia pela WEC Internacional. É bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano JMC e especialista em Antropologia Intercultural pelo Centro Universitário de Anápolis (UniEvangélica). M.Div em Teologia Pastoral pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, é também professor de pós-graduação em Antropologia Intercultural (Instituto Antropos) e autor do livro *Inverso*. Escreve também para o blog da *Coalizão pelo Evangelho*. Casado com Claudia, é pai de Tim, Ed e Laura.

Eram oito e meia da manhã de um domingo, quando eu, nos meus 6 anos de idade, disse para o meu pai (pastor): “Pai, já vou pra igreja!”. E saí.

O templo ficava a duas quadras de casa. Em pouco mais de 2 minutos eu estaria lá. Mas, o meu plano era outro. Atravessei a rua e fiquei escondido por detrás de um poste. Depois que o meu pai foi para a igreja, saí e fui brincar. Que manhã maravilhosa aquela! Brinquei até cansar. Só depois que ele retornou, voltei para casa. Foi inevitável que ele me perguntasse onde eu estive. Respondi: “Eu estava lá na igreja.” Ele, então, pegou a tradicional sandália havaiana azul/branca de minha tia e me deu três bolos em cada mão – naquela época

não tinha a lei da palmada. E me disse, em amor: “Nunca mais faça isso, meu filho!”.

Eu havia decidido, naquela manhã de domingo, que o melhor seria seguir o que eu mais ansiava. Aproveitar um domingo para me divertir com os meus amigos. Era justo! Pelo menos, eu pensava que era. Para meu pai, um pecado! Os domingos se tornaram uma grande prova para mim. No final da década de 1970 e início da de 1980, todas as noites tinham os programas dos Trapalhões com Didi, Dedé, Mussum e Zacarias. Nunca pude assisti-los. A não ser quando estava doente. Que alegria!!! Ficar em casa e ver os olhos do Zacarias dando mil voltas, era legal demais.

Na adolescência, só podia surfar aos sábados. Sempre arrumava carona ou ia de ônibus. Domingo, igreja!!! As finais dos campeonatos de polo-aquático (*water polo*) eram sempre no domingo pela manhã, sempre seguidas das entregas de medalhas. Meu pai nunca esteve lá. E sempre era difícil argumentar que eu teria de participar do jogo final. Se não bastasse, a minha Caloi Cross, bicicleta famosa que todos queriam ter, só era usada para treinos. Nunca pude participar de uma corrida sequer. Todas eram domingo pela manhã. Mas, que fique claro, eu sempre achava que poderia ir, sem maiores problemas.

O pensamento do meu pai era simples. Ele sempre dizia: “Quem come do meu pirão, prova do meu cinturão! Enquanto você estiver aqui em casa vai fazer o que eu quero. Quando você sair, fará o que você quiser.” E assim, domingo após domingo, por volta das oito da manhã, ele chegava ao meu quarto e, com um sorriso estampado no rosto, batendo no portal (ou caixilho da porta) do meu quarto, dizia: “Acorda! Passarinho que não deve nada a ninguém já está acordado a uma hora dessas. Acorda!” Eu pulava da cama, trocava de roupa e ia embora para igreja com ele. Apesar de ele fazer tudo isso por amor, no meu coração, sempre se travava uma luta entre o que eu achava que era certo e o que ele dizia ser certo.

(Re)Definindo o pecado: autonomia moral

A imagem que tenho de pai é a de um legislador. Aquele que diz o que é certo e o que é errado. Acredito que essa também tenha sido a primeira visão de Adão em relação ao seu Pai, o Deus Criador. O Pai de Adão (Lucas 3.38) sempre fez tudo por ele. Além de criá-lo, deu-lhe uma esposa (Eva) e um local perfeito para viverem, o Éden. Um verdadeiro pomar, com todo o tipo de plantas comestíveis, animais e rios, e com todo o tipo de peixes. Naquela época, o pecado ainda não havia entrado no mundo. No meio do

Éden, havia duas árvores. “*A árvore da vida*” e a árvore que, caso Adão se alimentasse do seu fruto, o levaria à morte. Esta era “*a árvore do conhecimento do bem e do mal*”, proibida de comer pelo seu Pai, sob a pena de “*certamente morrer*”.

Sempre fiquei intrigado com o nome dessa árvore. Nunca significou muito para mim. Daí eu afirmar que o primeiro pecado foi o homem ter desobedecido a Deus ao comer do fruto dessa árvore. Uma saída muito simples para não entrar no verdadeiro sentido ou significado da árvore. A primeira pista que encontrei sobre o significado desta árvore está no texto de 1 Reis 3.9 quando o Rei Salomão pede a Deus sabedoria para discernir entre o bem e o mal, com o propósito de julgar o seu povo. Uma pessoa que pede sabedoria, certamente já está movido pela própria sabedoria. Nenhum tolo jamais faria isso. Salomão então usa a expressão “*discernir bem e mal*”. Mas, o que é discernir bem e mal ou conhecer o bem e o mal?

Lembremos, então, do texto de Gênesis 3, onde temos a conversa entre a serpente conversando com Eva. Sendo o pai da mentira e o primeiro teólogo, como disse Bonhoeffer, o Inimigo descaradamente deturpa a Palavra de Deus e tenta a mulher. Ela responde cambaleante, embriagada pela

palavra da serpente e pelo seu coração cobiçoso, almejando algo mais do que Deus havia permitido. A Serpente usa a sua peçonha e injeta mais uma dose de veneno na mente da mulher: “Que nada! Você vai ver... Ao comer do fruto você e seu esposo serão ‘iguaisinhos’ a Deus. É por isso que ele não quer que vocês comam. Prove e você vai enxergar esse mundo com muito mais cor. Se vocês comerem, serão sábios de verdade e poderão discernir entre o bem e o mal, exatamente como Deus faz”.

“*Conhecer o bem e o mal*” significa ter a capacidade de decidir o que é certo e o que é errado. Dentro desse contexto de Gênesis, seria decidir o que é certo e o que é errado sem a ajuda de Deus. O ser humano, ao comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, passaria a assumir o papel de ser aquele que definiria o que é certo e o que é errado para a sua própria vida. Seria, portanto, deixar de confiar em Deus, em Sua Palavra, como aquele que definiria o que era melhor para o ser humano. Comer do fruto seria romper com a essência de si mesmo. O que fora criado para depender, agora, tentaria um voo solo, independente, por toda a sua existência e de sua descendência.

Em termos práticos, “*conhecer o bem e o mal*”, nada mais é do que ser moralmente autônomo. Esse foi o caminho que Adão e Eva tomaram. Um

caminho que os levou para fora do jardim do Éden, para longe de um cosmos perfeito e em equilíbrio, distantes de Deus, o seu Criador, e impossibilitados de se alimentarem do fruto que poderia reverter a sua situação, o fruto da “*árvore da vida*”.

É aqui, em Gênesis 3, que encontramos os elementos necessários para uma (re)definição de pecado. Uso “(re)definição”, não no sentido de ser algo necessariamente contrário ao que temos ouvido e pregado em nossas igrejas, mas por ser (ao menos para mim) uma nova e mais profunda forma de enxergar o conceito de pecado tomando como ponto de partida o primeiro pecado cometido pelo nosso representante.

Sempre ouvi meu pai dizer do púlpito da igreja: “Pecado é errar o alvo.” Na minha infância, ouvia minhas professoras de escola bíblica dominical dizerem: “Pecado é tudo aquilo que fazemos, deixamos de fazer, falamos ou pensamos que não agrada Deus.” Também ouvia que pecado é tudo de ruim que nós fazemos. Com o Rei Davi, aprendi que pecado é sempre e primeiro contra Deus. Ainda que seja algo de ruim que fazemos contra alguém, ou contra nós mesmos, ofendemos primeiramente a Deus. Deixar

de fazer o que se sabe que se deve fazer ou que se deve dizer também é pecado, o pecado da omissão.

Mas, o texto de Gênesis 3 lança luz abaixo do solo e nos faz enxergar as raízes e a essência do pecado, que não é simplesmente desobedecer a Deus. Isso é uma consequência de algo mais profundo. Adão e Eva desobedeceram a Deus por enxergarem algo que lhes atraiu (e que gerou cobiça). Não foi só o fato da fruta parecer ser boa para comer e agradável aos olhos. A fruta brilhou de forma diferente e se tornou succulenta ao coração de Eva e, por conseguinte, de Adão, por ela tornar possível uma nova forma de viver. Era a aquisição do poder de discernir por si só o que é certo e o que é errado – ou a aquisição da autonomia moral. Essa foi a razão por detrás da desobediência.

Bartholomew e Goheen definem muito bem o que é pecado com os olhos postos em Adão e Eva no Jardim do Éden. Eles dizem:

*“Pecado é uma decisão de escolher nosso próprio caminho ao invés do caminho que Deus construiu na criação. É tornar-se o nosso próprio legislador ao invés de atender ao Divino Legislador em obediência.”*¹⁶

Pecado é definir por si só o que se deve fazer, dizer ou pensar, sem depender da Palavra de Deus, sem depender do Deus da Palavra. Sob essa perspectiva, todos os seres humanos nascem como pequenos reis, pequenos legisladores que, à luz de sua própria cultura, amadurecem como verdadeiros legisladores. Algumas culturas estimulam as crianças a serem autoconfiantes, valorizarem a sua autoestima etc. Conheço culturas indígenas que o orgulho é um valor ensinado às crianças de forma franca, aberta e objetiva, pois, para eles, somente tendo o orgulho como valor será possível viver num mundo complexo como esse, que exige força e determinação para vencer os desafios da natureza e ‘tirar’ dela o alimento para a subsistência, sem se deixar vencer pelo sofrimento causado pelas doenças.

Bartholomew e Goheen¹⁷ colocam de forma prática que pecado é uma anormalidade não encontrada no manual do fabricante. Pecado é também rebelião. É se opor de forma frontal ao próprio Criador, sua bondade, seu amor e cuidado. Pecado é idolatria. O homem não foi feito para ser independente, mas para ter alguém como senhor ou alguém a quem servir. Não há como ser neutro, ficar sem servir, sem se submeter a

¹⁶ Bartholomew e Goheen. *The True Story of the Whole World: Finding Your Place in the Biblical Drama*.

Faith Alive Christian Resources, 2009, p.35.

¹⁷ Idem.

alguém ou a alguma coisa. O homem sempre adorará... A autonomia moral faz com que ele se torne idólatra ou ególatra. Paulo, escrevendo aos cristãos romanos (Romanos 1.18-32), deixa claro que, ao suprimir a verdade (ou Palavra) de Deus anunciada pela criação, o homem passa a adorar a outros seres criados. É impossível ficar sem adorar algo. Pecado é anormal, é rebelião, é idolatria. Acrescento aqui que pecado é também incredulidade. É não crer e confiar em Deus e em Sua palavra.

Comer da árvore do bem e do mal foi um grito de autonomia do homem que nos esclarece sobre o que é pecado. Pecado é não querer saber de Deus nem dos seus ensinamentos. Todo homem já nasce no pecado. Nasce naturalmente sem querer saber de Deus. Cada ser humano nasce rei. Rei do seu próprio reino.

Os espinhos do pecado: alienação e sofrimento

O resultado cosmológico do pecado em Gênesis 3 é de suma importância para se compreender o que aconteceu com o ser humano desde então. O primeiro fato foi a forma como o ser humano passa a enxergar-se em sua relação com o próximo. Em Gênesis 2, homem e mulher estavam nus e não se envergonhavam. Agora, o seu olhar é impuro e a nudez precisa ser coberta, pois passou a ser motivo de

vergonha entre eles. Isso nada mais é do que o início da alienação entre Adão e Eva, um estranhamento que não ocorria antes. A alienação pode ser definida aqui como o abandono mútuo, a privação recíproca causando a perda da amizade e estima entre eles. A expressão dessa alienação é a vergonha. Diferente de culpa, a vergonha tem sempre um caráter social. Ela é posta sempre entre um ser humano e outro, ou entre um indivíduo e a sociedade. Vergonha é o resultado da alienação entre os seres humanos. A partir daí os relacionamentos serão corrompidos, falhos, frágeis e fonte de todo tipo de sofrimento.

Eles também se tornaram alienados de Deus. A fuga é uma reação fundamentada ou consequência da autonomia moral escolhida por Adão e Eva. Eles fugiram da presença de Deus. Isso expressa a postura do pecado agindo em termos práticos. Decidiram o que seria melhor fazer – fugir. Negaram encontrar-se com o Deus Criador. Assumiram uma postura de abandonar e privar-se do relacionamento com Deus. Ao invés de vergonha, o elemento da alienação aqui é a culpa e o medo. O homem tem consciência plena dos seus atos. Decididamente fez o que fez, e agora ao ser buscado pelo seu Pai, o Criador, manifesta a sua alienação ao “bater com a língua nos dentes” e condenar Eva e o próprio Deus: *“Foi a mulher que ‘Tu’ me deste”*.

Sendo seu próprio legislador, Adão passa a formular leis de acordo com as suas inclinações de tal forma que suprime as leis e ordenanças divinas. E nega ser ele o culpado, culpando a Deus. Isso me faz lembrar um fato ocorrido no Alto Rio Negro (Amazonas), na fronteira do Brasil com a Colômbia, quando agentes da Polícia Federal deram um flagrante em uma canoa com indígenas traficando cocaína, mas os indígenas negavam veementemente serem suas as drogas. Eles argumentavam, como pequenos legisladores, justificando o que estavam fazendo. Como se estivessem dizendo: “Seu policial, de acordo com a ‘minha lei’, isso não é nada. Essa droga tem dono. Ela não é minha. Eu só a estou transportando. Prendam os donos dela. Eu só ganhei um pouco de dinheiro para fazer um favor pra eles. O dono mesmo é que ganha muito dinheiro. Vocês devem prender a eles e não a nós.” A negação do delito é fundamentada no fato de se assumir o papel de legislador, de substituir a Lei, diante do agente dela, colocando em seu lugar a sua própria. Afinal, o homem se tornou seu próprio legislador. Em última instância, a negação do pecado por Adão é uma postura idólatra e egoísta – filha do orgulho.

Não poderia deixar de falar de Eva. Na mesma linha de Adão, Eva nega o pecado culpando “a criação de Deus”. Foi a serpente, disse ela, a

responsável por tudo; ela me enganou. Como seu esposo, Eva não assume o seu pecado como seu filho. Se tivesse exame de DNA naquela ocasião, ao levar o pecado de Adão e Eva ao laboratório, certamente seria constatado que era filho unicamente deles, com “99,999999%” de certeza. Pois, o pecado sempre tem o DNA de quem o comete.

Deus então amaldiçoa a serpente, a mulher, o homem e a terra. A maldição é uma consequência cósmica do pecado (autonomia moral) cometido por Adão e Eva. A serpente se torna maldita entre todos os seres criados, comendo terra e vivendo com o queixo e a barriga raspando nela diariamente. A mulher tem a sua identidade marcada pelo sofrimento para exercer a maternidade, o seu marido passa a governá-la e o desejo dele passa a ser buscado por ela para agradá-lo. Lembre-se que ela tinha sido criada para ser complementar ao homem, mas agora já não é bem assim. Adão terá de “trabalhar duro” e “suar a camisa” para sobreviver, para a sua subsistência. Isso não significa que ele não trabalhava antes do pecado, mas isso não era algo duro, pesado e sofrido. Agora, nada será mais tão fácil. A conexão entre a maldição de Adão e a terra é clara. Será difícil para ele, porque a terra terá espinhos e frutos com espinhos dentro. Cultivar a terra implicará em ter que limpá-la, derrubar

árvores, plantar, arrancar o mato e ervas daninhas para que se consiga tirar da terra a sua sobrevivência. E cada vez que isso fosse feito traria dor e causaria ferimentos (ver Ezequiel 28.24). Adão foi humilhado. Gastará boa parte do seu tempo trabalhando, olhando para o chão, ao invés de olhar para o Criador e Pai. O que poderia ser mais duro do que isso? Podemos resumir aqui que o resultado cosmológico do pecado sob a maldição de Deus foi o sofrimento humano. Sofrer passou a ser a marca identitária do ser humano. É impossível dissociar o homem e a mulher do sofrimento. Viver por si só sem Deus é sofrer.

A ação cosmológica de Deus foi entregar o homem à sua própria escolha de comer a árvore do conhecimento do bem e do mal. De ser o seu próprio legislador, de decidir por si só, de acordo com os seus próprios parâmetros, o que é certo e o que é errado. Entregar o homem ao que ele escolheu seria entregá-lo a morte. E foi isso que Deus fez, afinal, já estava dito que, se eles comessem da árvore que Ele disse para não comerem, eles certamente iriam morrer. E aqui, outra verdade pode ser afirmada: o castigo para o pecado é a morte. E isso é visto quando Deus afirma que Adão voltará ao pó de onde ele veio (ou do que ele foi criado). Mais do que uma morte física, essa morte é cósmica. Ou seja, é uma morte que representa

total alienação do ser humano (e não só de Adão) com o Seu Criador. Amaldiçoar o homem, dizendo que ele voltará para a terra é o mesmo que dizer que ele sumirá, desaparecerá, se extinguirá e deixará de gozar da vida, o grande presente que Deus lhe tinha dado. Decidir o que é certo e errado por si só, viver por si só é o mesmo que cometer um suicídio. Nesse caso, o que Adão e Eva fizeram (como representantes do ser humano e gerentes da terra) foi um suicídio cósmico. Decidiram morrer para si e para Deus, levando consigo todos os seres humanos e a natureza.

O pecado, portanto, trouxe (1) a alienação entre os seres humanos, (2) a alienação do ser humano com Deus, (3) a vergonha, a culpa e o medo como manifestações comuns à vida do ser humano, (4) a cegueira espiritual fazendo com que cada um negue a si mesmo como sendo pecador, (5) e o sofrimento em todas as esferas da vida. Não nos enganemos, nós temos o germe infeccioso do pecado correndo em nossas veias. Adão não era simplesmente um homem, um qualquer. O seu nome significa gente. Ele é “nós”, o nosso representante. E Eva, sua mulher, a “*mãe de todos os seres humanos*”. Isso é o que significa o seu nome. Ela é minha e sua mãe. O nosso DNA não nega que somos filhos de Adão e Eva. Temos a cara dele e traços de nossa querida mãe Eva. Você e eu

somos Adão, somos Eva, somos pecadores.

O fruto no meio dos espinhos: a graça

Se o capítulo 3 de Gênesis é fundamental para compreender o caráter do ser humano, o descendente da mulher é a chave para se compreender o caráter de Deus. E aqui o primeiro fato relatado após o pecado é a iniciativa de Deus em buscar o homem, agora atordoado e perdido, por ter assumido [por si mesmo] ser o legislador de sua vida. Isso o fez correr e esconder-se por entre as árvores, costurar folhas para cobrir-se. O Criador, no entanto, pacientemente busca o homem e inicia um diálogo com ele para auxiliá-lo, a fim de que percebesse e passasse a ter consciência do equívoco que tinha cometido. Deus é o que busca, mas não só isso, Ele é um Deus que se comunica, se relaciona e está disposto a ajudar o ser humano. Penso como seria difícil viver num mundo em que o Criador fosse uma força, uma energia ou mesmo raios de luz. Como seria difícil ter que viver de maneira incomunicável com Aquele que nos criou. Antes e depois de comer da árvore proibida, Deus nunca deixou de se comunicar com o homem. Isso é graça!

Na sua comunicação com Eva, Ele lhe prometeu descendência e destacou “o” descendente. Isso é o mesmo que mitigar ou

minimizar os efeitos do pecado, o “*certamente morrerás*”. Dar continuidade à vida seria uma expressão de profunda graça. Naquela situação, viver para ver a sua posteridade seria pura graça. Mas não só isso, a serpente seria aniquilada pelo descendente de Eva. Deus prometeu que “*Um*” da mulher viria para reparar a criação, esmagando a cabeça da serpente, tirando-lhe a vida. Na perspectiva da revelação progressiva da Escritura Sagrada, seria impossível, só com esse texto dizer mais do que isso. Mas é fato que Este descendente é a esperança dessa reparação. Nada mais belo e acurado do que chamar sua mulher de Eva, aquela que geraria e veria a vida continuar, sendo mãe de todos os seres humanos e d’Aquele Descendente. Só por causa da graça é que ela pôde receber esse bonito nome. Agora, somado à graça há também a esperança.

Lembremo-nos que Adão e Eva haviam feito do seu jeito uma roupa *mixuruca* com grandes folhas de figueira para minimizarem a alienação entre si e para com Deus. Mas, o Criador matou um animal para cobri-los, para cobrir os pecadores com peles. Deus se mostra como aquele que dá uma solução mais sólida. Ele providenciou uma maneira simbolicamente mais definitiva para resolver o problema que o homem passou a enfrentar, aproximando mais

o homem e a mulher e o Criador de suas criaturas. Mas, para isso, um animal teve que morrer, teve de dar a sua vida para que isso fosse possível novamente. O caráter moral é bastante forte aqui. As coisas devem acontecer da forma como Deus estabelece. Nada de folhas de figueira. Ao invés disso, pele de animal! Na verdade, a questão moral já vem sendo pintada nesse quadro, desde quando Deus disse, ainda no Jardim do Éden, o que o homem deveria e o que não deveria fazer, o que ele poderia e o que não poderia comer, em Gênesis 2. No capítulo seguinte, Deus chama o homem e tem uma ‘conversinha’ com ele e também com Eva, para mostrar-lhes o seu erro; e em consequência amaldiçoou o cosmos e o ser humano.

Deus não admite relacionar-se com um pecador e o expulsa de Sua presença. E, para garantir isso, coloca a melhor guarda, com a melhor arma, para impedir que o homem e a mulher voltem a vivenciar as delícias da Sua Santa presença, bloqueando a passagem ao Jardim do Éden e a árvore da vida. Não haveria valor algum no Éden (o local do prazer), se lá fosse apenas um belo pomar, com belos rios, belas imagens, belas pedras, peixes de todo tipo etc. O valor do Éden estava na presença gloriosa de Deus. E não só gloriosa, mas também paterna, amorosa e bondosa. A verdadeira vida estava no Éden. Adão e Eva

lançaram tudo isso fora em troca da autonomia moral.

E agora, diante do pecado, a graça se revela de maneira espetacular e não só ela, mas também a esperança. Deus é o Deus da esperança. Esperar nEle para ver a promessa da reparação da criação se cumprir. Deus não se isola, como fazemos quando alguém nos ofende. Ele busca, Ele vai atrás da sua criatura com vistas à reconciliação. Ele não deixa o homem “falando só”, mas intervém e fala para tornar o monólogo idólatra (ou ególatra) do rebelde incrédulo em um diálogo para a vida. Deus também se revela como um Deus justo e como um ser moral, que tem muito bem definido o que é certo e o que é errado, como o Verdadeiro Legislador. Ao mesmo tempo que se mostra como um Juiz, ele também é aquele que cuida de nós, que nos hospeda, que nos supre com o que precisamos realmente – a Sua presença. Se não fosse a iniciativa de Deus, Adão e Eva estariam fadados a uma peregrinação sem fim por esse mundo, seguindo seus próprios caminhos tortos, sem esperança. É a graça que reverte toda essa situação, trazendo vida onde havia morte, trazendo esperança onde havia desespero, medo, vergonha e culpa, trazendo reconciliação onde havia inimizade. “O Descendente” é tudo isso. Alguém que conectaria de novo o ser humano a Deus, realizando a

missão de restaurar o ser humano à sua posição de dependência do Criador, libertando-o da autonomia, do pecado.

Palavra Final: o pequeno legislador rendido

Numa aldeia indígena no Alto Rio Negro conheci um macaco prego criado por uma família – ele era chamado Pecado. A bagunça que ele fazia na casa é tremenda. Sobia nas redes e nos girais por cima das panelas, brigava com o papagaio, urinava nas coisas e gostava de passear em cima da cabeça ou preso nas pernas e braços dos seus donos. Ao mesmo tempo, gostava de ter liberdade de fazer o que lhe dava na telha. Corria, fazia careta, gritava e, às vezes, até parecia que estava gargalhando. Ele comia tudo o que via pela frente. Quando alguém chegava à aldeia e perguntava o seu nome, todos diziam com um sorriso irônico: “o nome dele é Pecado”.

Penso que assim é o pecado na vida do ser humano. A autonomia faz uma bagunça em nossa vida, trazendo consequências terríveis. Ela não caminha sozinha. Ninguém simplesmente se torna autônomo vivendo longe de Deus. Autonomia traz consigo uma “penca” de pecados, como no caso daquele macaco prego. Ela abre as panelas do nosso coração deixando o cheiro de enxofre sair: orgulho, inveja, vaidade,

imoralidades etc. Urina em nossa língua e nos faz dizer palavras torpes. Aperta a nossa mente e extrai dela pensamentos de excrementos, imundos. Não larga dos nossos membros, conduzindo os nossos passos e ações em direção aos galhos das perversidades. A autonomia nos escraviza!

Que fique claro que não somos reféns ou vítimas do pecado. O pecado é nosso filho. Ele é gerado em nosso coração por nós mesmos, os pequenos legisladores (Tiago 1.14-15). É de nosso coração que vem toda a sorte de pecados. Somos agentes ativos e responsáveis. Pecamos porque somos pecadores. Pecamos porque o pecado está em nosso coração, desde Adão, o nosso Pai.

Da mesma forma que o pecado é uma realidade em nossa vida, mesmo sendo crentes, é preciso admitir que Deus também é uma realidade. Se, por um lado, revivemos diariamente o desejo de alimentar-nos da árvore do conhecimento do bem e do mal, ou seja, de sermos autônomos, por outro lado temos um Deus que estende a sua mão de graça. É só com ela que poderemos lutar contra o pecado. Em termos práticos, precisamos nos render ao Deus da graça. O pecado faz parte da nossa velha natureza que, apesar de ser velha, ainda está em nós, de forma residual, mas viva. Lutar com a nossa própria força contra o pecado é um

grande equívoco. O caminho é render-se a Deus dizendo: Deus eu não consigo vencer o pecado sozinho, mas com a sua ajuda sei que isso será possível. Se o pecado primevo foi decidir por si só o que é certo e o que é errado, o primeiro passo para uma vida de relacionamento com Deus é admitir que não é na própria força que se vence o pecado, mas com o auxílio e dependência de Deus – isso é render-se.

Se, por um lado, a autonomia é a melhor definição de pecado, penso que dependência é a melhor atitude que o homem pode ter diante de Deus. Mas, isso só é possível pela graça. E é fato, o Deus que cumpriu a promessa de enviar “o descendente” nos dará a graça de, a cada dia, caminharmos pelo caminho da dependência, o caminho de Jesus Cristo, que afirmou, em contraposição a

Adão: “...*Se possível, passa de mim este cálice. Mas que não seja feita a minha vontade, mas a Tua.*” Ele nos mostrou o caminho da dependência. O Evangelho é a mensagem da total dependência do homem em relação ao Criador, trazendo o realinhamento perfeito e original do relacionamento entre Deus e a sua criação.

A cada dia está posta diante de nós a árvore do conhecimento do bem e do mal e a árvore da vida, a opção de ser autônomo ou de ser dependente de Deus, da morte ou da vida. Que o nosso Verdadeiro e Gracioso Legislador nos ajude a rendermo-nos a Ele diariamente em total dependência.

SUGESTÃO DE LEITURA:

BARTHOLOMEW, Craig & GOOHN, Michael. *O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na história bíblica*. Vida Nova, 2017.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

BARTHOLOMEW, Craig G. & GOHEEN, Michael W. *The True Story of the Whole World: finding your place in the biblical drama*. Faith Alive Christian Resources. Grand Rapids, 2009.

HAMILTON, Victor P. *The New International Commentary on the Old Testament (NICOT): The Book of Genesis: Chapters 1-17*. Wm. B. Eerdmans Publishing: Grand Rapids, 1990.

WALTKE, Bruce K. *Comentário do Antigo Testamento: Gênesis*. Cultura Cristã: São Paulo, 2010.

WENHAM, Gordon J. *Genesis 1-15. Word Biblical Commentary*. Thomas Nelson: Dallas, 1987.

Conversando com...

Bella Falconi



Bella Falconi é casada e mãe de duas meninas, Victoria e Stella. Bacharel e Mestre em Nutrição pela Northeastern University - EUA, é também pós-graduanda em Teologia Sistemática pelo Centro Presbiteriano Andrew Jumper. Palestrante internacionalmente reconhecida e influenciadora digital, com mais de 4 milhões de seguidores, é também membro da Igreja Presbiteriana de Pinheiros em São Paulo - SP.

A irmã Bella Falconi tem nos concedido o privilégio de termos sua contribuição para a Revista Fé Cristã através de abençoados artigos de sua autoria, escritos exclusivamente para a revista. Desta vez, a alegria foi ainda maior: ela aceitou conversar conosco sobre os temas que permeiam o seu livro *“E se não houvesse amanhã?”*, lançado pela United Press, em 2020. Confira, a seguir, a entrevista na íntegra:

MOTTA – Bella, conte-nos como foi a sua conversão? Como se deu o início da sua história com Jesus?

BELLA – Meu contato mais próximo com Deus aconteceu em 2014, quando uma amiga querida foi diagnosticada com um câncer muito agressivo. No momento em que eu recebi a notícia, comecei a orar com toda a fé do meu coração e senti muito a presença de Deus na minha casa. Foi sobrenatural! A partir dali, as coisas não foram mais as mesmas. A sede era muito grande. Pouco menos de um ano depois disso, minha

primeira filha nasceu e eu tinha uma ajudante que carinhosamente chamo de tia Eva que é uma mulher de Deus e pregava para mim todos os dias. Resolvi ir à igreja para conhecer e naquele dia caí de joelhos no chão e não consegui mais deixar de ir. Isso foi no final de 2015. Em maio de 2016, fui batizada e minha caminhada com o Senhor tem sido tremenda e transformadora a cada dia!

MOTTA – “E se não houvesse amanhã?” é o título do livro que você lançou em 2020. Quando foi que você

começou a pensar mais detidamente sobre a morte?

BELLA – A pandemia nos fez pensar mais sobre a morte. Na verdade, ela nos fez pensar mais sobre a fragilidade da vida e sobre a nossa pequenez diante da grandeza de Deus.

MOTTA – *“Ensina-nos a contar os nossos dias para que o nosso coração alcance sabedoria.”* (Salmo 90:12) Como devemos entender esta passagem? O que Deus está nos ensinando através dela?

BELLA – Esse versículo é como uma instrução de Deus para que passemos a avaliar os nossos dias de forma correta, pois há um limite de tempo e ele passa rápido! Os dias vão sendo reduzidos e precisamos ter a certeza de que logo chegarão ao fim. É um chamado para avaliarmos a nossa relação com o futuro e como temos vivido, a fim de que alcancemos um coração sábio. Devemos clamar a Deus pela capacitação para que sejamos verdadeiramente sábios. Embora nós não tenhamos a capacidade de antever o futuro, Deus vê absolutamente tudo – o início, o meio e o fim e, embora ele tenha ocultado tudo isso de nós, ainda assim pode nos capacitar a agir sabiamente como se compreendêssemos o futuro! Devemos viver de forma irrepreensível pois sabemos que essa vida chegará ao fim.

MOTTA – A morte é um assunto bastante indigesto no mundo atual. No seu entendimento, qual é a razão para que isso seja assim?

BELLA – Existem dois aspectos. O primeiro deles é que o homem não foi feito para a morte, mas, sim, para a eternidade. Em Eclesiastes, a Palavra de Deus nos ensina que Ele colocou no coração do homem uma sede de eternidade. Portanto, a morte ainda é algo muito doloroso para cada um de nós. Talvez, ainda incompreensível. Além disso, a cultura nos ensina que a morte é inimiga da vida e não uma parte natural dela. Diante disto, criamos uma grande repugnância com relação ao tema “morte”. Tendemos a pensar na morte como um assunto sombrio e desagradável e não como uma passagem para a nossa morada celestial. Falta incentivo, esclarecimento, estudo e conversas inteligentes sobre isso.

MOTTA – Tim Keller, em seu livro *“Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento”*, diz que *“a razão para tanta ênfase no aqui e agora deste mundo é que o secularismo não tem outra felicidade a oferecer. Se não a encontrar neste mundo, não existe mesmo nenhuma esperança para você.”* Como isso se relaciona com a prática diária dos cristãos? Temos abraçado uma mentalidade secular em

detrimento da cosmovisão cristã?

BELLA – Não temos a menor dúvida de que, ao invés de a igreja invadir o mundo, o mundo tem invadido a igreja. O Evangelho tem se tornado algo negociável e passível de mudanças, o que é muito triste. Esse não é o Evangelho de Cristo, que ensina renúncia e escolhas. A verdade é que falta boa teologia nas igrejas. Há muitos “jesuses” sendo fabricados nos altares. Há diversos “deuses” sendo vendidos no evangelicalismo. No entanto, só há um Deus e só há um Jesus! Aquele que diz: *“aquele que quiser vir após mim, tome sua cruz e me siga”*. Não existe outra forma. Talvez isso explique a grande onda de apostasia que estamos vivendo. Há um excesso de religião e falta de Deus. Há um excesso de terra e falta de céu. Não é sobre *“que venha o Teu Reino”*, mas sobre *“fazemos de nós mesmos pequenos ‘reizinhos’ do nosso próprio reinado”*.

MOTTA – Faz sentido um cristão ter medo da morte? E o não-cristão?

BELLA – Eu creio que o medo é um processo natural do ser humano. Faz parte da nossa existência sentir medo. Mas, esse medo não deve ser patológico. Entendo que é absolutamente normal sentir um certo medo do processo de morrer: da dor, da despedida daqueles que amamos e assim

por diante. Mas, da morte em si, não devemos ter medo no sentido patológico. Porque morrer é voltar para o Pai. E essa é uma das razões pelas quais devemos buscar todos os dias a certeza da nossa salvação! Esse é o descanso do crente: saber para onde está indo. Quanto ao ímpio, a Palavra já deixa bem claro qual será o seu fim. Isso sim deveria ser sinônimo de pavor. E é justamente por isso que devemos pregar à toda criatura. A realidade do inferno é terrível e se não nos incomoda pensar que alguém está indo para lá, somos nós quem merecemos aquele lugar. Somos devedores do Evangelho e não devemos jamais fazer juízo de quem é ou não é salvo. O nosso papel é anunciar as boas novas. E nossa motivação e inquietude deve ser justamente essa: de amar tanto a realidade do céu a ponto de não suportarmos sequer pensar que alguém possa estar indo para o inferno.

MOTTA – É possível estar completamente envolvido com as coisas deste mundo, isto é, vivendo em função do que conhecemos como “sonho americano”, desfrutando das dádivas e oportunidades do ideal capitalista ocidental, e, ao mesmo tempo, como John Wesley, viver todos os dias esperando ansiosamente pela volta do Senhor?

BELLA – É importante fazermos uma distinção entre viver no mundo e ser do

mundo. Algo que deve ser sempre bem claro para todo cristão é que somos forasteiros na terra! Mas, vivemos nela! Por ora, esse mundo é o único lugar que temos para sermos cristãos. E precisamos trabalhar, sonhar, viver... no entanto, não podemos compartimentar Deus em nossa vida: aqui Ele entra, aqui não tem nada a ver, aqui talvez... não! Deus é Deus de TODA a nossa vida! Então, devemos honrá-lo em nossa escola, trabalho, casa e assim por diante! Vivemos no mundo e, portanto, é inevitável que estejamos, de uma certa forma, envolvidos com as atividades dele. Mas é justamente o nível de envolvimento que devemos avaliar. O que priorizamos? Temos negociado nossos valores? O que move o nosso coração? No que pensamos o dia todo? A quem ou a o que temos servido?

MOTTA – O que Jesus estava ensinando quando disse que veio para que *“tenham vida e vida em abundância”* (João 10:10)?

BELLA – A vida com Deus é uma vida abundante porque ela nos traz completude e alegria em todas as esferas e não é uma alegria circunstancial nem transitória. Não é uma falsa alegria. A vida que jorra de Deus não é uma vida incompleta, ao contrário, é uma vida que tem sentido e propósito.

MOTTA – Muitas pessoas sabem que a morte é iminente para todo ser humano e, ainda assim, de certa perspectiva, vivem como se ela não fosse. Ao mesmo tempo, essas mesmas pessoas passam a vida tomando atitudes para evitar a morte e fugir dela, ao invés de se prepararem para ela. O que você pensa sobre isso?

BELLA – Deveríamos viver todos os dias como se eles fossem o último! Não no sentido pessimista da palavra, mas entendendo o que Tiago diz sobre sermos como a neblina. Precisamos compreender quão efêmera é a nossa vida e vivê-la da maneira que Deus nos chama para viver! Temos que viver como se Jesus fosse voltar exatamente agora. Ter sempre óleo em nossa lamparina e fogo em nosso coração.

MOTTA – Por que *“é melhor ir a uma casa onde há luto do que a uma casa em festa”* (Eclesiastes 7:2)?

BELLA – A festa não tem nada a nos ensinar. Ao contrário, ela cria em nós uma ilusão de que a vida não tem fim. De que a vida é uma festa! Ela não é. O mundo jaz no maligno. A vida chegará ao fim. Adoeceremos e morreremos um dia. Quando presenciamos o luto, não apenas refletimos sobre a transitoriedade da vida, como também exercitamos a nossa fé, a nossa empatia, ganhamos uma oportunidade de servir ao próximo e de amadurecermos.

Ganhamos, sobretudo, uma oportunidade de despertar para a nossa pequenez diante da grandeza de Deus e de lembrar que Ele está no controle e não a gente.

MOTTA – O que é a vida eterna?

BELLA – A vida de verdade!

MOTTA – Uma última palavra?

BELLA – Que sejamos perseverantes porque dias difíceis hão de vir! A perseverança dos santos é o

clímax da salvação. Aquele que se mantiver fiel até a morte receberá a coroa da vida. Avante !!!

Como seria "um Pedro" em Atenas? A importância do preparo missionário



Quando o assunto é missões, alguns tendem a olhar de forma simplista, projetando um modelo único de evangelização ou abordagem. Mas, isso não é algo novo.

Em Atos, a Igreja primitiva enfrentou o problema de levar o Evangelho a todos os povos com todas as suas implicações teológicas e culturais. Neste artigo, pretende-se enfatizar a importância de ampliarmos o entendimento acerca da grande tarefa missionária que foi comissionada à Igreja, como também esclarecer que a falta de preparo põe em risco toda a missão e, assim, concluir que o preparo pode ser uma grande ferramenta para que o Evangelho seja anunciado onde Cristo ainda

João Paulo Vargas é Missionário da SEMADI (Secretaria de Missões da Igreja Assembleia de Deus do Ipiranga, São Paulo - SP). Bacharel em Teologia pela FATERJ/RJ, o missionário fez Licenciatura em História pela Faculdade Integrada de Araguatins/TO, bem como Especialização em Antropologia Intercultural pelo Centro Universitário de Anápolis/GO, Especialização em Docência Superior pela Universidade Cândido Mendes/RJ, Especialização em Ensino da Filosofia pela Faculdade FUNIP/MG. Pós-graduando em Teologia Sistemática pelo Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper. Tendo atuado com plantação de igrejas no Nordeste Baiano e no estado do Amazonas, com comunidades ribeirinhas e indígenas, atualmente está se preparando para um projeto de plantação de igreja, escola e posto de saúde, que se chamará “*Nouvelle Vie*”, em Burkina Faso, na África. Casado com Almirana e pai da Sarah.

não foi nomeado (Romanos 15:20).

Charles Kraft, certa feita, indagou “*Qual é a visão de cultura para Deus?*” Seria a cultura judaica? Seria a grega? Seria a brasileira? Segundo Kraft, a resposta pode ser conferida em 1 Coríntios 9:19,20, quando o apóstolo Paulo expõe seu método de abordagem dizendo “*fiz-me tudo*”, “*judeus*”, “*sem leis*”, “*com lei*”, “*todos*”. O que isto significa? Simplesmente que o Evangelho pode ser proclamado de maneira

transcultural, pode transpor as fronteiras culturais.

Nas Escrituras, encontramos algumas expressões que comunicam a atenção do Apóstolo Paulo à questão do conflito cultural. Uma delas é “*fiz-me tudo*” e a outra se encontra na referência de Romanos 15:20, a saber, “*me esforcei por anunciar o Evangelho*”. A referência para “*esforcei*”, no grego, é *philotimoumenon*, que significa labor exacerbado e conota a mesma coisa que um ultimo fôlego, retirar forças de onde

não se tem. A expressão “*fiz-me tudo*”, que é *genoma*, cogita o ato de fazer algo sem a distinção de preferências. Sendo assim, todos estavam na lista de Paulo, todos eram alvos do amor de Deus, e é por isso que ele escreve aos Romanos que era devedor tanto de judeus, como de gregos e bárbaros. Ao verificar tanto a disponibilidade de Paulo como seu esforço em anunciar o Evangelho a todos, podemos nos perguntar: como transmitir o Evangelho a “todos”? Possivelmente, as maiores dificuldades estão no âmbito das diferenças culturais e no fato de que não temos “evangelhos”, outrossim um único Evangelho, que é para todos – que desafio!

Por esta razão, a primeira tarefa é ampliarmos o entendimento sobre as culturas e sobre como o Evangelho se relaciona com as diferentes cosmovisões. Kraft comenta em seu artigo que “*há duas realidades: uma é como Deus vê e a outra como nós vemos as culturas com nossas limitações humanas*”. Deus, em Suas promessas, incluiu povos, línguas, tribos e nações (Apocalipse 7:9). Analisando o exemplo de Paulo e Pedro e de como eles lidaram com conflitos de cosmovisão, veremos a importância e a necessidade do preparo para cumprirmos a missão de Deus.

Pedro, em Atos 10, mostrou que o judaísmo era a lente

interpretativa que guiava sua compreensão do Evangelho. Nisso, Deus corrigiu o modo como Pedro via as outras culturas, mostrando a ele que o Seu plano baseava-se em uma plataforma mais ampla. Em Gálatas 2:11-16, Paulo dá testemunho da inabilidade de Pedro entender que os gentios também faziam parte dos planos de Deus. As exigências culturais do judaísmo prendiam os judeus a uma visão pequena do Evangelho, de maneira que a falta de entendimento de Pedro nesta questão, levou-o a limitar sua mensagem, podendo ser missionário somente aos seus compatriotas, que compartilhavam dos mesmos códigos culturais, como língua e costumes.

Paulo, por sua vez, tinha essa sensibilidade de conhecer bem o Evangelho e bem a cultura. Ao analisar sua trajetória missionária, observamos que a sua mensagem era transferida a partir de contextos compartilhados pelo povo local. Suas expressões “*esforcei-me*” e “*fiz-me de tudo*” se relacionam diretamente com a sua consciência da necessidade de conhecer o povo local, sua forma de linguagem, bem como o conteúdo da mensagem que Deus lhe tinha outorgado. Minha indagação inicial é: “Como seria “um Pedro” em Atenas?” Teríamos uma missão completa se Pedro meramente apresentasse uma mensagem judaizante aos atenienses? Certamente que

teríamos mais um concílio sobre conflitos culturais.

Diante do exposto, devemos encarar o desafio de evangelizar o mundo sem negligenciarmos suas reais implicações e realidades culturais, e nos convenceremos de que o preparo teológico, cultural e linguístico estão na base de toda missão evangelizadora. Vemos em todo o Novo Testamento esta tríplice acompanhando a mensagem do Evangelho.

Por exemplo, no preparo teológico, devemos responder à seguinte questão: **Quem anunciamos? A Deus.** Precisamos conhecer bem a Deus e ao Seu plano. O preparo cultural é o mesmo que entender o “**para quem anunciamos**”? Entender as realidades culturais de cada povo para pregar uma mensagem contextualizada e bíblica, confrontando aquilo que o Evangelho condena e conciliando aquilo que glorifica a Deus com o preparo linguístico é a resposta para a pergunta: **como anunciamos?** Existem diversas formas de anunciar, e uma mensagem mal compreendida gera prejuízos enormes para a missão da Igreja.

Quando pensamos em uma suposta missão de Pedro em Atenas, não temos a intenção de enaltecer o ministério de Paulo e diminuir o de Pedro, pois vemos que Pedro teve um importante papel na liderança

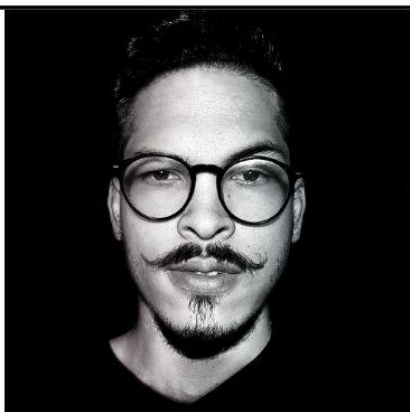
local da igreja em Jerusalém e a tradição diz que seu ministério se estendeu em dado momento à cidade de Roma. Porém, bem sabemos que, quando ele enfrentou um desafio cultural, viu-se em grandes dificuldades por causa de sua pequena visão de mundo, contrastando a si

mesmo com Paulo, que recebeu um chamado para as nações e, a fim de cumpri-lo, apresentou grande preparo.

Concluimos que, independentemente de nosso chamado, todos devemos aplicar-nos ao estudo do Evangelho e de nossa missão.

A Igreja é chamada para pregar a todas as nações, com suas culturas, línguas e costumes. Por isso, se sua chamada inclui este desafio, é hora de se preparar!

A Queda do homem e o Estado Civil



Wallas Pinheiro cursa licenciatura em Filosofia. É designer e dá aulas de História. Diácono na 2ª Igreja Presbiteriana de Linhares - ES, é casado com Samira Pinheiro.

Em um primeiro artigo,¹⁸ afirmamos que o Estado veio a surgir posteriormente ao Dilúvio, sendo o próprio Dilúvio a pena de morte estabelecida por Deus para a humanidade cujo coração era corrompido. Contudo, isso não quer dizer que antes do Dilúvio não existia algum tipo de governo humano. Como ficará claro, não só havia um tipo de governo não político, como ele tinha poder real – embora não estivesse sendo corretamente exercido. Nosso objetivo, portanto, é argumentar a favor da não existência do Estado administrado pelo homem antes do Dilúvio, de modo que não pretendemos expor, neste

momento, as atribuições inteiras dadas por Deus ao Estado. Porém, para que cheguemos a este ponto, é preciso observar a situação do Homem no Jardim e, posteriormente, sua Queda.

Definições

Antes, porém, de tratarmos do assunto, é necessária uma definição de termos. O Estado possui várias definições e finalidades em vários autores, desde Aristóteles até Thomas Hobbes e Max Weber. Por isso, não podemos, para nossos objetivos, nos limitar a de um único autor. Lidaremos, portanto, com aquilo que é comumente entendido sobre o que é um Estado.

Um Estado é caracterizado por sua (a) *soberania* (podendo punir quem quebra as suas leis com multas ou penas físicas);

(b) *cidadania compulsória* (isto é, um indivíduo é membro daquele Estado a partir do momento em que nasce); (c) *território* (a priori, um Estado possui um território delimitado); (d) *povo* (este último, um termo muito amplo, que pode incluir grupos étnicos mais próximos e de mesma linguagem – geralmente). Essas características são comuns a todos os Estados, pois, caso o Estado não possua uma dessas coisas, não poderá ser assim considerado (não há Estado sem território, bem como não faz sentido um Estado que não possa punir, nem um Estado que não dê cidadania aos seus próprios membros). Então, quando mencionarmos o *Estado*, deve-se ter em mente este conceito mais amplo, que faz parte de qualquer Estado em qualquer época.

¹⁸ Link do artigo: <https://revistafecrista.art.blog/2021/>

10/06/o-primeiro-governo-humano-e-seu-objetivo/

A Associação Voluntária, por outro lado, não possui nenhuma dessas características, pois (a) por definição, ela não pode punir seus membros como o Estado pode, de modo que, no máximo, a exclusão da Associação é o que ocorre; (b) nenhum indivíduo nasce membro de uma associação, do contrário, ela perderia sua característica de ser voluntária, além disso, alguém pode ser membro de várias associações distintas ao mesmo tempo; (c) uma Associação pode ser local, internacional ou até mesmo submetida ao mesmo espaço do Estado, mas não depende deste território para sua existência; (d) ela não está restrita a um povo, embora possa ser, pois tudo depende de seu objetivo e função (não é incomum que, sendo internacional, possua membros de outros Estados e, portanto, de outros povos). Assim, uma Associação Voluntária é quando homens *se submetem em acordo* uns aos outros para um objetivo comum – algo totalmente distinto do Estado que é *compulsório*.

Dessa forma, o Estado é mais preponderante na compulsoriedade (sem eliminar a voluntariedade) e as Associações são enfaticamente

voluntárias (não eliminando algum tipo de compulsão mais fraca do que a estatal). Se fossem, portanto, a mesma coisa ou resultassem no mesmo efeito, não teria porque serem coisas diferentes. Assim, quando mencionarmos estes termos, deve-se ter em mente essas definições mais gerais.¹⁹

O homem em perfeição

É preciso notar o que Paulo especifica em Romanos 13 como sendo a característica *principal* do Estado: ele detém o poder da Espada (Romanos 13:4), isto é, o de aplicar a pena de morte. Quando voltamos a Gênesis, em especial ao capítulo 2, versículo 17, lemos que Deus estabelece uma punição para o homem: “*no dia que dela comeres, certamente morrerás*”. Veja que o texto não está dizendo que Adão apenas morrerá, como se fosse pura consequência natural de comer do fruto. O modo como o texto está construído sinaliza que não é uma ação autoimposta, mas uma ação imposta por outros. Deus está dizendo que aplicará, sobre o homem, uma pena de morte literal. E é isso o que ocorre posteriormente (Gênesis 3:19; 5:5).

Normalmente, se enfatiza que Adão morreu de forma

espiritual ao comer do fruto e, embora isso seja verdade, o texto não está preocupado em expor isso, mas sim em demonstrar que a morte física só veio a existir no mundo por meio do pecado (Romanos 6.23), sendo a pena imposta por Deus a este. Deus – naquele momento – agia como um Senhor e Estado soberano sobre o homem, que desobedeceu ao Rei, e sofreu as penas consequentes do pecado.

Alguns autores, como Abraham Kuyper²⁰ e Johann Jahn,²¹ reconhecem que não havia Estado antes do Dilúvio. Porém, alguns afirmam que o Estado existiria mesmo se o homem não pecasse, afinal, como se construiriam estradas e se planejavam cidades? Veremos que tal questão acaba por ser improcedente por três razões, ao menos.

Primeiro, a afirmação de que haveria Estado se o homem não caísse é apenas uma pressuposição que não encontra nenhuma base no texto bíblico. Não existe texto que diga o que aconteceria caso o homem não caísse, e afirmar qualquer coisa além do que o texto bíblico afirma torna-se, neste ponto, pura conjectura (1 Coríntios 4:6).

¹⁹ Essa forma de resumir Estado e Associações pode ser encontrada em K. K. Ghai, *ISC Political Science*, ou em um artigo seu, no seguinte link [https://www.yourarticlelibrary.com/difference/10-main-differences-](https://www.yourarticlelibrary.com/difference/10-main-differences-between-state-and-association/40325)

[between-state-and-association/40325](https://www.yourarticlelibrary.com/difference/10-main-differences-between-state-and-association/40325). Acesso em 03 de março de 2022.

²⁰ KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. 1ª Ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 88.

²¹ JAHN, Johann. *Hebrew Commonwealth*. 1ª Ed. New York: Codman Press, 1828, p. 12.

Segundo, mesmo que pudéssemos fazer tal afirmação (de que haveria Estado), estamos falando de seres humanos sem pecado. A pergunta natural, então, é se construir estradas e coisas semelhantes seria um problema real ou suficiente para demandar um poder político para exercer tal função. Estamos falando de homens em estado de perfeição, não de homens caídos, com razão obtusa e imersa em idolatria (Romanos 1:21). Foi o pecado que tornou o homem incapaz de raciocinar mesmo as coisas mais naturais e básicas (Romanos 1:22-25).

Terceiro, mesmo que fosse um problema real, não há somente o Estado para construir estradas. Associações Voluntárias não políticas existem até mesmo num mundo caído, por qual motivo não poderia existir num mundo perfeito? Estamos, então, falando da simples possibilidade de homens voluntariamente se unirem em certas associações para fins específicos, de modo que elas podem cessar após seus fins serem alcançados ou podem se perpetuar, caso seu objetivo seja perene. De qualquer modo, “construir estradas” não exige um Estado, exige tão somente organização e associações.

Ainda, em Gênesis 2:15-17, lemos duas coisas claras: Deus coloca Adão como guarda no jardim (v. 15), implicando que

Adão era uma escala abaixo de Deus na administração do Jardim, tendo o dever de protegê-lo, como um guarda, que é comandado pelo Estado. A segunda coisa que notamos é a clara pronúncia de possíveis punições caso houvesse desobediência (v. 17), sendo que algo semelhante ocorre quando o Estado de Israel está em formação, e o povo deve obedecer a Josué, sendo este a autoridade civil e que, quem desobedecesse, *morreria* (Josué 1:17,18). Essa característica é clara e evidentemente política (Gênesis 26:11), indo além até mesmo dos comuns poderes atribuídos aos pais de família (embora, em casos distintos, pudessem impor a pena de morte também). Por tudo isso, vemos Deus com todas as atribuições de um Estado não eletivo, mas soberano, sobre o homem.

O homem em pecado

Porém, se ainda não ficou claro que o poder do Estado era exercido por Deus antes da Queda, podemos notar que Deus se vale de soldados e armas para impedir a reentrada do homem no Jardim (Gênesis 3:24). É sugestivo que tenham sido Querubins que guardavam o jardim, pois Deus é, frequentemente, representado como estando entre eles (2 Samuel 6:2; 2 Reis 19:15; Salmos 80:1; 99:1; Isaías 37:16) – e na maioria dos contextos, Deus é tratado como Rei, Senhor dos Exércitos ou

semelhante, o que nos leva a concluir que os Querubins parecem exercer o papel de guardas de fato (Êxodo 25:18-20).

Além dos Querubins, contudo, ainda havia uma espada, especificamente para guardar o caminho até a árvore da vida. Tal é o poder militar de Deus, que ele põe o homem sob pena de morte, e ainda garante que ele não escape à pena. Não foram outros homens que impuseram tal pena sobre Adão, nem foram eles que conseguiram guardas para o Jardim. Deus mesmo fez isso. E se for argumentado que aquela era uma circunstância diferente, a isso justamente pode-se confirmar: era uma circunstância tão diferente, que Deus mesmo exercia o poder estatal.

Notamos que, após a Queda, o primeiro grande problema e pecado mencionado é o assassinato (Gênesis 4). Por duas vezes, no mesmo capítulo de Gênesis, vemos que ele é tratado como um pecado tão grave, que as punições pareciam extremamente elevadas (Gênesis 4:24). A preocupação com o assassinato generalizado era tão grande, que Caim temeu que qualquer um o pudesse matar (Gênesis 4:14). O assassinato era, ao que tudo indica, o pecado mais grave que poderia ser cometido. Já o capítulo 5 se foca na genealogia de Adão até Noé, fazendo uma breve retrospectiva do capítulo 4 e

avanzando para alguns nomes que terão relevância no capítulo 6. Aqui, entretanto, não vemos nenhuma menção ao conceito de nação, reino, poderio, governo ou qualquer coisa semelhante, demonstrando que, neste caso, temos um apontamento para a não existência de tais governos.

Talvez – pode-se objetar – já havia governo, pois é mencionado, no capítulo 4, versículo 17, que havia uma cidade, e a cidade é um conjunto político também. Veremos mais adiante este ponto, para que fique claro o *tipo* de governo que havia na cidade.

Contudo, ao verificar o capítulo 6, nos deparamos com o caos estabelecido. Deus vê que o coração do homem é cheio de maldade (v. 5). A terra agora estava cheia de violência (v. 11), e isso é preponderante para que Deus envie o dilúvio (v. 13). Note que a violência é repetida sozinha no versículo 13, demonstrando que o status

daquela época era a falta de controle, crueldade e maldade. É importante observar isso, pois Deus promete posteriormente nunca mais enviar um dilúvio sobre a Terra (Gênesis 9:11), presumindo que a maldade após isso não alcançaria tal nível novamente. Assim, a “pior época para se viver” foi o período entre a Queda e o Dilúvio (Gênesis 5:29).

Não se pode esquecer que no início do capítulo 6 de Gênesis vemos que alguma “revolução sexual” ocorreu, diferente da poligamia aparentemente iniciada em Gênesis 4:19. Alguns autores, talvez mais conectados com uma percepção judaica do mundo, acreditam que os anjos se encarnaram ou possuíram homens e tiveram filhos com mulheres. A descrição de tal ocorrido estaria no livro de Enoque.²² Nessa linha de raciocínio, a palavra “*corrompida*” (Gênesis 6:11) e a destruição dos animais e plantas de sobre a terra seria devido às misturas feitas pelos anjos,²³ introduzindo novas

espécies de plantas e animais como consequência de sua ação. Por outro lado, se foi esta “revolução sexual” se refere à confusão entre as linhagens “santa” e “não santa” (casamento entre descendentes de Sete e de Caim), então temos também uma explicação razoável para ela, pois, como é demonstrado no restante do livro de Gênesis, há grande preocupação em se casar com crentes (que normalmente eram membros da família – Gênesis 24:2-4; 29:10; 30:6 [Raquel temia a Deus]). Se “*corrompida*” pode implicar a mistura dos anjos com os homens, também parece possível que implique a mistura de homens santos com descrentes.²⁴ Qualquer que seja a explicação, entretanto, os filhos dessa união eram “*valentes*”, homens de força e que, naturalmente, tinham poder para matar (Gênesis 6:4). A conclusão inevitável é que a revolução sexual dessa época não foi em si mesma o problema que causou o Dilúvio, mas que, sem ela, ele não ocorreria, pois dessa

²² Seria o caso de cristãos etíopes e da igreja ortodoxa da Eritreia, pois ambos consideram o livro de Enoque canônico. Contudo, não é interesse deste artigo debater se foram ou não os anjos que causaram a malignidade do pecado em Gênesis 6.

²³ Se esta posição for tomada, explicaria a existência de animais puros e impuros no período de Noé (Gênesis 7:2), e a consequente proibição deles no sacrifício bem como sua ingestão em Levítico (embora, conforme Jean-Marc

Berthoud [*Animais Impuros: uma análise bíblica*, 1ª Ed. Monergismo, 2020], não seja necessária a crença nos anjos encarnados, mas bastaria uma simples involução destes animais para não refletirem mais a criação original de Deus e, portanto, tornarem-se impuros).

²⁴ Contudo, em Gênesis 6:4 é mencionado que os “gigantes” já existiam na terra antes das relações sexuais com as mulheres. Portanto, uma interpretação que condicione a existência de “gigantes” a essas

relações seria inviável. Além disso, segundo o livro de Enoque, os gigantes (dependendo da tradução) possuíam 300 ou 3000 côvados de altura; se considerarmos apenas os “300”, teríamos algo em torno de 135 metros, algo muito diferente de Golias, um “gigante”, mas que possuía (1 Samuel 17:4) entre 2,20m e 3m (algo como um jogador de basquete ou alguém que possui gigantismo hipofisário).

revolução proveio mais violência, não amor.

Dessa forma, podemos notar que não era possível haver nenhum Estado-nação, não só por tal não ser mencionado, como também por não serem mencionados nenhum dos seus possíveis feitos (como julgamentos, processos jurídicos, condenações à morte, etc.). A crise estabelecida antes do Dilúvio também não menciona nenhuma crise típica de Estados e nações (com um rei abandonar a Deus, ou tomar o trono etc.). O que nos leva a concluir que o governo era, no máximo, familiar, o que impedia, de certo modo, haver algum tipo de revolução para tomada de poder, já que este naturalmente pertence ao ancião.

Governo familiar

Pode-se observar que cidades eram fundadas, o que nos leva a crer que existia alguma forma de governo. Quanto a isso, é natural e evidente, mas, como devemos entender posteriormente, o governo político não pode ser confundido com o governo familiar, do contrário, cairíamos em um tipo de aristocracia ou monarquia hereditária. Vemos em Gênesis 4:17 que a cidade era, muito mais, um conglomerado familiar, isto é, pertencente

basicamente a uma família (Gênesis 34:20-26 – note que os filhos de Jacó mataram todos os homens de uma cidade; 34:7 – também, no versículo 7, a maldade é feita em Israel, o que nos leva a concluir que a família de Jacó se via como uma “cidade” ou “local”). Contudo, como vemos posteriormente, os indivíduos mais velhos – anciãos – de uma família tinham poder para julgar (Gênesis 38:24 – Levítico 20:10). Ora, se só havia famílias antes do Dilúvio, podemos, com base nos textos posteriores, presumir que o julgamento era intra-familiar, de forma que cada família era, em si, um tipo de governo simples, informal, mas ainda sujeito às leis de Deus e com poder para lidar com outros modos de governo externo. Mais evidências de que a família era em si um governo próprio, é que os chefes familiares podiam fazer alianças com governantes seculares (Gênesis 21:22, 23), e eram tratados como príncipes por outros governantes (Gênesis 23:5,6), podendo possuir até mesmo um “exército” que eventualmente batalharia (Gênesis 14.13-16). A família – notamos – era (ou devia ser) um poder à parte do político, mas que possuía todas as atribuições para fazer julgamentos, etc. sem intervenção do Estado.

Nota-se ainda que este era o governo ideal estabelecido por Deus na criação, pois Moisés estabelece chefes familiares que julgariam as suas causas (Êxodo 18:25,26; Josué 22:14). Wines defendeu a opinião de que justamente por isso os grupos familiares é que “governavam-se”, antes de qualquer atribuição estatal superior.²⁵ Assim sendo, a família seria o poder que balizaria o poder Estatal, limitando este mesmo, e impedindo seu agigantamento (este assunto, entretanto, deixaremos para tratar em outro momento). Tudo isso nos leva a crer, portanto, que o tipo de governo pré-Diluviano se restringia ao seio familiar, e que as famílias passaram a guerrear umas com as outras e entre si (como o caso de Caim e Abel bem exemplifica). Não se pode mensurar o nível de poder que os chefes familiares possuíam, mas podemos confirmar, ao menos, que não eram poderes políticos, muito menos eletivos.

Governo familiar antes da Queda

Isso, evidentemente, parece não responder qual seria o tipo de governo pré-lapsariano. Porém, como deve estar mais ou menos claro, a especulação neste ponto é perigosa, embora não seja impossível supor algumas coisas com base na

²⁵ WINES, Enoch C. *A República Hebraica: Lei Orgânica do Estado Hebreu*. 1ª Ed. São Paulo: Inez A.

Borges Consultoria Educacional, 2018, p. 159, 160.

vida dos crentes após a Queda e como se governaram.

Sendo Deus soberano Rei sobre Adão e seus filhos, não seria impossível que Ele exercesse sempre o poder da Espada, como já notado, pois isso não poderia ser delegado ao ser humano, já que Deus mesmo estabelece as penas e as execuções para elas. Assim, Deus detém o poder de *soberania* Estatal. Tal elemento, conquanto não seja o único constituinte do Estado, é o principal poder dele (como vemos por toda a Escritura), tornando sua remoção uma quase anulação da existência desse tipo de governo.

A cidadania seria outro grande problema. Se Adão fosse chefe de Estado, alguém se tornaria membro do Estado por estar na família de Adão? Dito isso, somente o ramo principal da família ou toda ela? Ou cada família seria um Estado? Se toda ela, então temos um único Estado Global, cujos membros iriam aumentar à medida que aumentasse a população mundial. Em si, isso não seria um problema caso o homem não tivesse pecado, mas certamente não há passagens bíblicas que favoreçam um governo global único. O território seria mais um grande problema, pois, como seria dividido? Se o Estado é a família, o que fosse do indivíduo familiar seria do Estado? Aparentemente, há uma dificuldade de separar-se

os conceitos e de que eles façam sentido dentro de uma estrutura de perfeição, por essa razão, o que foi dito acima, foi em maior parte com perguntas, pois, talvez por causa da Queda, pode apenas ser que não compreendamos completamente como um Estado poderia funcionar em situação de perfeição.

Contudo, daquilo que as Escrituras nos mostram, um governo familiar faria muito sentido, pois (a) cada chefe de família é soberano nela; (b) todos os que nascem em uma família são membros dela; (c) a família não depende de território para existir, mas frequentemente o possui (e certamente sempre possuiria se não fosse a Queda). Observe que, no caso de cada família ser um poder próprio e autônomo, tudo se facilita, de modo que não há dificuldade em estabelecer o chefe, nem os “processos” e seus membros.

A conexão entre uma família e outra sendo feita por meio de Associações Voluntárias simplesmente responde o problema da existência do Estado, pois, qualquer que fosse a demanda num mundo perfeito, ela não poderia ser perpétua (como construir estradas, cidades, organizar praças etc.). As demandas físicas no mundo não são infinitas, ainda mais se forem pensadas em termos locais. Além disso, as Associações permitem maior facilidade de deslocamento, pois, e se

alguém quisesse fazer parte de uma associação de construção de estradas, mas não quisesse construir casas? Entraria numa associação e não em outra. Afinal, não podemos anular as vontades humanas. O que um Estado antes da Queda faria, caso alguém quisesse agir contrário ao que ele tivesse determinado? Haveria chance de criar outras punições além daquela criada por Deus? Ou todos os homens naturalmente aceitariam todas as demandas do Estado? (Este último caso anularia o aspecto voluntário, enquanto que uma Associação pode implicar obediência e voluntariedade ao mesmo tempo).

Não seria mera retórica dizer que o governo familiar não é político? Afinal, aparentemente, possuem as mesmas atribuições: como observamos, o chefe da família é que a liderava, sendo, portanto, o ancião o responsável pelo governo familiar. Isso dito, não havia eleição e confirmação como acontecia em Israel, por exemplo. O inverso também não ocorria, pois quem governava a nação de Israel não era necessariamente a pessoa mais velha do povo. Não temos também, no contexto da família, os vários cargos delimitados como no meio político, e nem mesmo a família se estabelecia numa conjuntura voluntária (os filhos não são filhos voluntariamente, mas por uma ligação natural, de sangue).

Dessa forma, as perguntas parecem nos conduzir em direção a um status de não existência do Estado (mas não de anarquia, já que Deus governaria o mundo, e Adão seria o primeiro cabeça familiar, havendo um tipo de governo patriarcal²⁶). Isso nos leva à conclusão de que o Estado não é essencial no seu aspecto governamental e, por isso, faz sentido que chegue ao fim, retornando a Deus o seu poder. O último ato de julgamento feito pelos homens deve ser escatológico (1 Coríntios 6:2,3) e, por isso, qualquer poder semelhante ao Estatal deve acabar quando acabar este último julgamento.

O Governo secular é temporário

O governo político é temporário e, embora aqueles que julgam corretamente sejam ministros de Deus (Romanos 13), este tipo de poder vai passar. Gênesis 3-6 nos mostrou que sua falta, neste mundo, só pode resultar em caos e julgamento divino e, portanto, não podemos eliminá-lo ou nos insurgir revolucionariamente contra. Apenas porque antes da Queda era de uma forma, não significa que deva ser após ela (não há motivo para se crer que devamos andar nus, ou não comer carne, ou voltamos a viver em um jardim, pois estas foram coisas contextuais

e temporárias, em razão do próprio pecado e algumas dessas coisas podem voltar no mundo vindouro, *melhoradas* e outras não).

Se Deus criou Adão para ser o cabeça da família humana, é evidente que, dentro das atribuições familiares, ele governaria justamente, mas não teria poderes políticos – não de acordo os textos seguintes à Queda descrita em Gênesis 3.

Deus, ao não limitar o poder familiar, apenas colocou um contra peso ao criar o Estado, de forma que a família seja a primeira responsável pela correção dos seus, e o Estado daqueles que interferem no meio “público”, mais distante do ambiente familiar, ou mesmo quando a própria família quebre, no seu representante, os princípios básicos legais de Deus (como matar sem motivo). Isso posto, pode-se observar que Deus cuidadosamente limita o poder do Estado, para que este não se sobressaia ao poder familiar e nem sequer defina o que é família, mas apenas proteja os meios estabelecidos por Deus.

Isso tudo aponta para aquilo que é óbvio: se o Estado não existia na criação do mundo, naturalmente não precisa existir quando tudo for renovado. Deus em Jesus Reina (Salmo 2) e, por isso, não

carece de outros governos para exercer julgamento num mundo perfeito. Deus tomará sobre si novamente o poder que, por derivação, o homem adquiriu após o dilúvio (Gênesis 9:6; Romanos 13:1), de modo que toda autoridade atualmente só possui tal poder porque de Deus descende este direito (João 19:11).

Em outro artigo lidaremos (se Deus permitir) com o governo familiar do modo como se desenvolve em Gênesis, desde Abraão até José; sobre o porquê de o povo de Deus não ter formado o primeiro Estado e também os poderes mais exatos do pai de família (de sacerdócio, reinado e oráculo). Por ora, porém, cabe ressaltar que sem o entendimento prévio destas coisas acima ditas, não é possível compreender bem os limites do governo político humano, nem o quanto ele pode acrescentar ou onde deve parar em suas leis. Conforme John Knox, em carta de 20 de Julho de 1559 à rainha Elizabeth, afirma:

“[...] de consciência, sou obrigado a dizer que nem o consentimento das pessoas, nem o processo do tempo, nem a multidão de homens podem estabelecer uma lei que Deus aprovará; mas tudo o que Ele aprova (por Sua palavra eterna) será aprovado, e tudo o que Ele condenar será condenado, embora todos os

²⁶ DOOYEWEERD, Herman. *Estado e Soberania: Ensaios sobre*

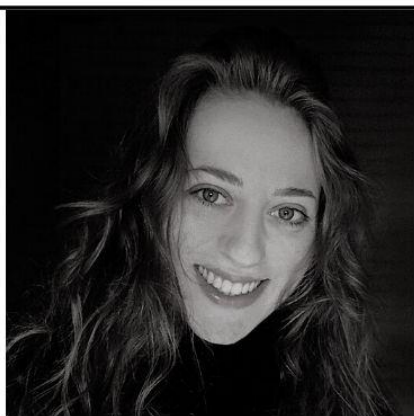
Cristianismo e Política, 1ª Ed. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 20.

homens na Terra elaborem uma justificação para a mesma.”²⁷

²⁷ KNOX, John. *O Primeiro Soar da Trombeta: Contra o Monstruoso*

Regimento de Mulheres. Versão Kindle, O Presbiteriano, 2020, p. 53.

VINDE: Uma série fotográfica sobre redenção



Francine Cabanas Tobin é fotógrafa, artesã e musicista da Igreja Assembleia de Deus Jardim Botânico, em Porto Alegre - RS. Graduada em Fotografia, pela ULBRA, em Canoas - RS e mestranda em Teologia pela EST - RS. Através da fotografia autoral, vem criando séries fotográficas com uma poética visual inspirada na cosmovisão cristã, buscando dialogar com as duas linguagens: fotografia e teologia.

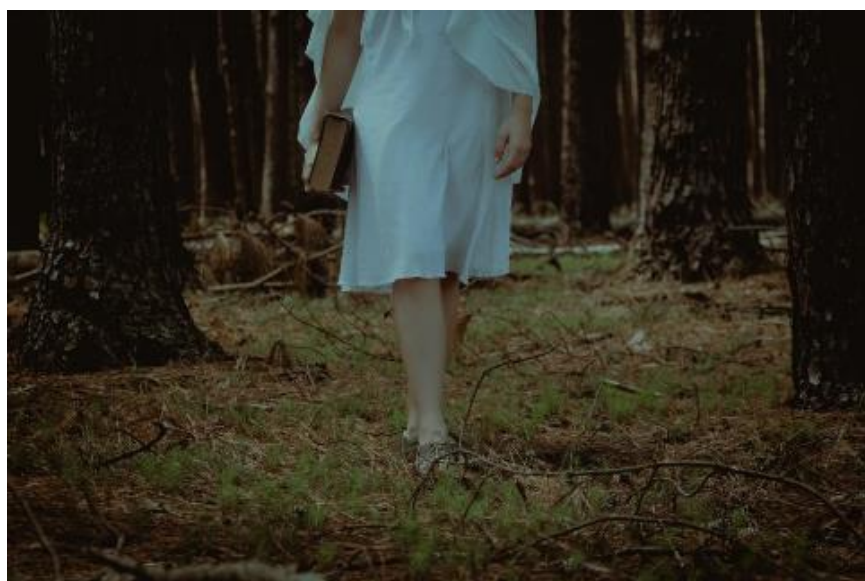
Te convido a passear pela teologia e pela fotografia. Trago por meio deste, o convite para refletirmos temas teológicos por meio da fotografia, através da série VINDE. Inspirada nas *Confissões*, de Agostinho, sobre o ser “que medita sua

salvação”, e partindo de um dos *Padrões de Julgamento* de Francis Schaeffer, refletiremos sobre a temática da **Narrativa da Redenção**.

Os leitores de Francis Schaeffer já bem conhecem o método apresentado pelo escritor dos *Quatro Padrões de Julgamento* que devem ser

aplicados à uma obra de arte, os quais são apresentados em *A Arte e a Bíblia*. Trago a proposta de trabalharmos o terceiro padrão, aplicando-o em uma série de fotos que criei, para, de forma prática, encorajar a preservação desses padrões básicos, na tentativa de garantir uma adequada comunicação, e também de fazer uso deles para analisar outras obras que admiramos. Neste artigo, mesmo tendo me atentado aos quatro padrões na construção da série, focarei apenas no terceiro, para não estender demais a leitura, considerando que a proposta é termos um tempo de contemplação via fotografias.

Inspirada nas confissões e na poética bíblica, o objetivo primordial da série é, através da contemplação, representar



“Tua Palavra é lâmpada para os meus pés.” (Salmos 119.105)



Estou meditando sobre a minha salvação.

por meio da fotografia autoral um meditar sobre a narrativa da redenção, bem como foi externado por Agostinho, em sua última página:

“Que os orgulhosos não me critiquem, porque estou meditando sobre a minha salvação, que como e bebo e compartilho.” (p. 240)

Antes de prosseguir, muitos leitores talvez não estejam familiarizados com o termo “Fotografia Autoral”. Esse tipo de fotografia tem por objetivo demonstrar os interesses do autor, e geralmente possui uma abordagem voltada aos pensamentos, emoções, às expressões do interior humano, com uma estética mais contemplativa, por vezes onírica e sem viés comercial, ou seja, sem trabalhar em prol dos interesses de um cliente, por isso autoral. Aos interessados, a temática é bem exposta pela

fotógrafa gaúcha e contemporânea Danny Bittencourt, no livro *Fotografia Fine Art*.

Sendo assim, parto dos meus interesses de representar livremente, e à vontade com a imaginação, a temática da redenção.

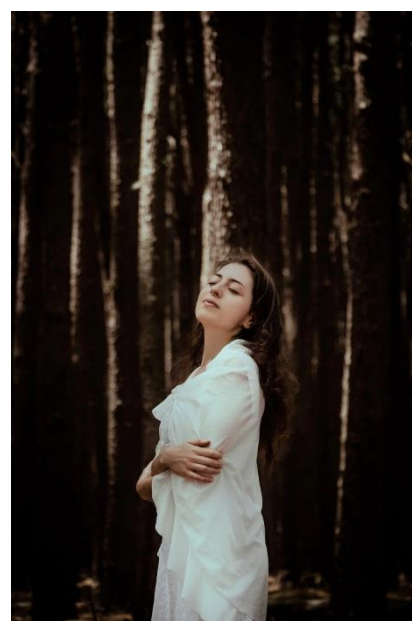
1. Sobre a série “VINDE”

Inicialmente introduzirei algo acerca da série fotográfica. Busquei criar, partindo de inspirações na cosmovisão cristã acerca da redenção, recorrendo à obra *Confissões*, tocada pela canção **There Is a Redeemer**, e envolta pela poética estética de passagens bíblicas. Externando de forma livre e imagética a busca humana do coração que, ardente, corre para o caminho que lhe pode salvar e livrar sede si mesmo, resultando em total rendição.



Rendido.

O ser que medita sua salvação – onde na obra de Agostinho é ele mesmo, carrega para mim sutíliza estética que se tornou presente nas expressões corporais da intérprete da foto (uso o termo “intérprete” para me referir à modelo da foto), estando ela ora em meditação, contemplativa, ora rendida, buscando e grata.



O ser que medita.

A redenção e rendição foram as temáticas inspiradoras para a criação da série, na qual procuro apresentar o ser humano como que correndo em direção ao chamado do Redentor: “*Vinde!*” (Mateus 11:28) – do qual se origina o nome da série. A intérprete representa o ser a refletir sobre sua redenção, o ser que corre para o que lhe pode salvar, dar esperança, como que atraída pelas cordas de amor (Oséias 11:4) que emanam do sacrifício

perfeito que religou céus e terra, respondendo as palavras de Jesus: “*Vinde a mim*” (Mateus 11:28). Em total rendição, ela se prostra, meditando sobre sua salvação.

Diante da verdade bela desse Redentor, da cruz fixada nesta terra e já vazia, marcada pela ascensão de Cristo, que com vestes brancas está a direita de Deus, e cujo povo eleito também o louvará com roupas brancas (Apocalipse 7:9),



Vinde.

frente à esteticidade poética dessas verdades, desenvolvi essas fotos, sobre uma narrativa que continua, até que “*o trabalho na Terra esteja completo*”.

1.1. Keith Green: There is a Redeemer

Esta última frase do parágrafo anterior pertence a uma canção que, ao ouvi-la, minha mente foi remetida a uma atmosfera transcendente, de maneira que esta me veio à mente durante todo tempo em que fotografava – portanto, colaborou na criação da série. A canção, que indico para escutarem no término da leitura deste artigo, tem o título *There Is A Redeemer* e é do cantor Keith Green, que compôs a respeito da redenção esta canção na qual, em gratidão à provisão de um redentor, canta no refrão (traduzido):

“Obrigado Oh, meu Pai

Por nos dar Seu Filho

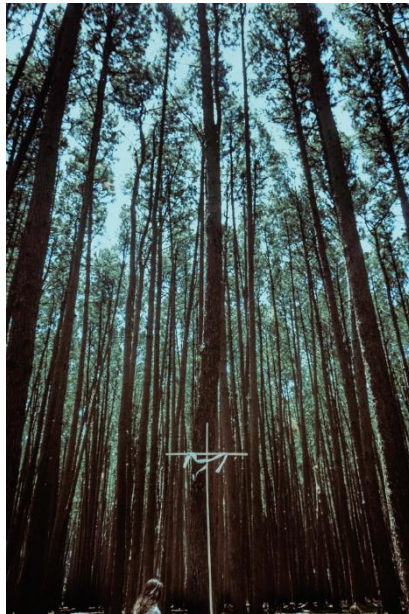
E enviar Seu Espírito

*Até que o trabalho na Terra
esteja completo”*

A letra cristocêntrica e a reverência na doxologia modificam a atmosfera, podendo despertar o desejo de ajoelhar-nos e contemplar o motivo da canção. Uma atmosfera transcendente parece surgir no decorrer da música, com o fervor da voz e

dos instrumentos, como se estivéssemos [e estamos] à frente de algo inimaginável e precioso, o que nos leva a rendermo-nos, batendo no peito ao invés de mantê-lo erguido, como escreveu Agostinho (p. 238). Posicionei minha intérprete deste modo, com a intenção de conduzir as fotos para além da técnica ou do apenas figurativo e material diante da câmera, mas como uma forma de doxologia.

Frente à toda a inflamação do pecado neste mundo e suas consequências abismais, um redentor se entrega, uma cruz é manchada por sangue puro, aqui, nesta Terra, e somente aqui, uma única vez e de maneira válida para sempre



Está terminado.

(Hebreus 10:12-14). É interessante refletir que foi no chão desse nosso mundo que tudo naquela cruz aconteceu. “*Está terminado!*” foram as

últimas palavras do redentor Jesus.

Eis aqui uma segurança para a nossa vida cotidiana: quer cumpramos todas as tarefas do dia, quer não, que acertemos, quer não, vencamos ou não, já está terminado! O trabalho de redimir o ser humano de sua natureza caída e destruidora foi feito. Nos resta render-nos.

Esse VINDE, nos chama para tantas coisas que ansiamos e pelas quais o mundo contemporâneo saliva. Esse chamado de Cristo conclama ao descarregar dos corações daqueles pesos que são, à vista de seus portadores, insuperáveis. Recorde aquele cobertor quentinho no



Descanso.

inverno, o café que a mãe oferece na hora certa, um amigo para desabafar, o acolhimento piedoso da igreja onde nos sentimos tão amados e cheios de sentido, como se tudo estivesse no devido lugar. Se esses episódios nos possibilitam o experimentar de um tipo bem raso de descanso e já nos aliviam o peito, derretendo sentimentos angustiosos, imagine o VINDE. Ele promete descanso para a alma, desapego de fardos, livramento da auto justificação – Jesus continua: “*Vinde a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês*” (Mateus 11:28).

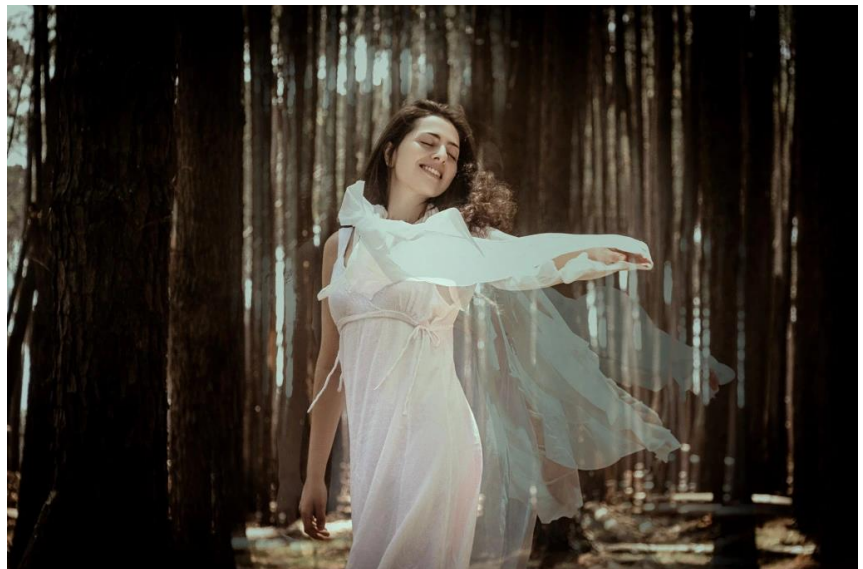
1.2. O Ser que medita a redenção

Em *Confissões*, de Agostinho, esses tantos cansaços e anseios íntimos, tão familiares a nós, são expostos. Vemos o ser humano à mostra, transparente, em busca de sentido, em luta consigo mesmo, ansiando salvação e justamente meditando sobre ela. Agostinho, após ter sido alcançado pelo Senhor e surpreendido pelo jugo suave como prometido (p. 232), reflete o desespero que seria pensar que a Sua Palavra se distanciou dos homens, mas se banha da mais pura esperança ao recordar João 1:14, que diz: “*A Palavra tornou-se carne e viveu entre nós*” (p. 239), de modo que Jesus esvazia a morte dos pecadores,

redimindo o mundo. Que grande alívio e paz veio dessa justiça que teve por salário a própria vida e a paz (p. 239).

2. Quatro Padrões de Julgamento

Introduzirei os padrões de Schaeffer, trabalhando um deles, para o aplicarmos nas obras por vir, junto de reflexões acerca da benção redentora. No capítulo 2, do livro *A Arte e a Bíblia*,



“Atraí-os com cordas humanas, com laços de amor.” (Oséias 11:4)

Schaeffer traz onze perspectivas diferentes pelas quais o cristão pode “*considerar e avaliar os vários aspectos da arte*” (SCHAEFFER, 2010, p. 44). Ele, então, desenvolve uma perspectiva cristã sobre a arte em geral, em que, na quinta perspectiva, se detém nos Quatro Padrões de Julgamento a serem aplicados a uma obra de arte, sendo eles: Excelência técnica; Validade; Conteúdo intelectual, a cosmovisão que está sendo

comunicada; Integração entre conteúdo e veículo. Desses, nos debruçaremos sobre o terceiro.

2.1. Conteúdo intelectual, a cosmovisão que está sendo comunicada

Este terceiro critério, do Conteúdo Intelectual, espelha a cosmovisão do artista. Schaeffer, por meio do exemplo dos cristãos, traz as Escrituras como lentes através das quais devemos analisar a

cosmovisão representada na obra de arte, que permanece sujeita a este julgamento a partir da verdade bíblica e da cosmovisão cristã. Nesta série de fotos, parti de passagens bíblicas que sempre banharam meu imaginário, mexendo comigo esteticamente. Em Oséias 11:4, por exemplo, tem-se o ser como atraído por cordas de amor. Observe a beleza disso, dessa poética da atração! Não é como se essas palavras tomassem forma,



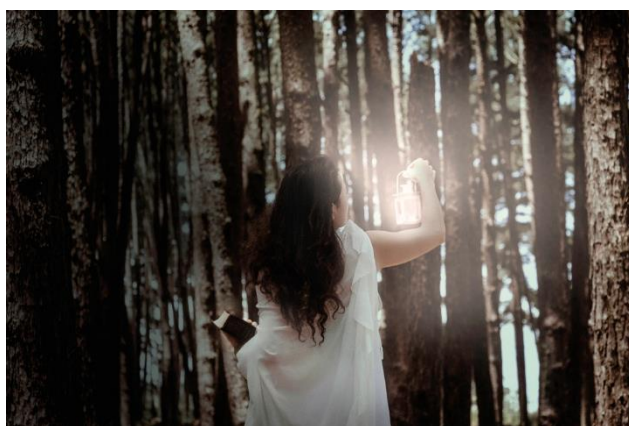
"Porque morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a vossa vida, for manifestado, também vos manifestareis com Ele em glória." (Colossenses 3:3,4)



"Vos suplicamos em nome de cristo que vos concilieis com Deus." (2 Coríntios 5:20)



"Com amor eterno te amei, e benignidade te atraí." (Jeremias 31:3)



"Vós sois a luz do mundo." (Mateus 5:14)

ganhassem um corpo, envolto de eternidade?

Muitas passagens a respeito do zelo de Deus pelos Seus, os chamando para Si, para Sua

redenção em Cristo, e Sua Palavra, me influenciaram na composição das fotos que culminam na redenção na cruz. Temos tantas produções artísticas acerca das

Escrituras, mas tão poucas na área da fotografia! Fica aqui meu apelo aos fotógrafos. Te convido a contemplar algumas passagens que me guiaram a imaginação na composição da

série VINDE. Desejo que, em adoração e rendição, prossiga em demorares o coração num passeio através das fotos, meditando tua Salvação.

Não esqueça de seguir nossa Playlist com todas as músicas que já citei nos artigos anteriores. Ouça There is a Redeemer:

<https://open.spotify.com/playlist/7M6w2fn4wpim74nsjBQkTj?si=ac360c44143e4511>

NOTAS

AGOSTINHO. *Confissões* (São Paulo. Mundo Cristão, 2017), 240P.

GREEN, Keith. *There is a redeemer.* Pretty Good Records: 1982. 3min 10s.

SCHAEFFER, Francis. *A Arte e a Bíblia* (Viçosa, MG. Ultimato: 2010), 80p.

